

**INGELID GUNDT**

**A disposição da mente através da música**

*Uma abordagem da influência da música na vida do ser humano*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do curso Bacharel em Teologia, ministrada pela professora Marivete Z. Kunz.

**FACULDADE BATISTA PIONEIRA**

**IJUÍ/RS**

**2010**

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

## **A disposição da mente através da música**

*Uma abordagem da influência da música no ser humano*

---

Autora: **Ingelid Gundt**

---

Orientadora de Conteúdo: **Hariet Wondracek Krüger**

---

Avaliador de Forma: **Claiton André Kunz**

---

Avaliador de Português: **Luciano Gonçalves Soares**

---

Avaliador Final:

---

Média Final

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

IJUÍ – RS

2010

## **DEDICATÓRIA**

Esta pesquisa é dedicada primeiramente a Deus, que é a razão da minha existência e do meu louvor. Ele, em sua criatividade, deu ao homem o dom de expressar o belo, de contemplar sua obra, e uma dessas expressões, talvez a mais tocante de todas, é a música.

Dedico-a também a minha família, em especial aos meus pais **Arnildo Gundt e Gerta Gundt** que nunca mediram esforços para que eu seguisse nos caminhos de Deus. Também às minhas irmãs **Iliane G. Busse e Ilíce G. Busse** juntamente com seus esposos e filhos.

Obrigado por sempre estarem presente em todos os momentos da minha vida, orando por mim e me apoiando, apesar da distância, e me ajudando a entender o amor de Deus. Realmente fui presenteada por Deus com a vida de vocês.

Também, dedico esta pesquisa a todos aqueles que são “amantes” da música, e que buscam entender um pouco mais dessa expressão dada por Deus, em primeiro lugar para honra e glória do seu nome.

*Ingelid Gundt*

## **AGRADECIMENTOS**

Louvo a Deus porque me proporcionou o privilégio de nascer num lar cristão e desde os primeiros passos ouvir de seu amor, revelando-se a mim e dando-me uma experiência real com ele. Desde cedo ele me separou para ser sua, e tantas coisas já tem feito em minha vida, ainda mais agora, porque permitiu que estudasse mais da sua Palavra.

Agradeço a **Primeira Igreja Batista de Nova Santa Rosa** da qual sou membro e onde tive minhas primeiras bases da fé cristã e também onde cresceu minha paixão pela palavra de Deus e pela música, e que também reconheceu meu chamado e assim me enviou ao seminário. Obrigado pela base espiritual que tive ali e pelo apoio espiritual e financeiro durante esses quatro anos.

Agradecimentos à **Masa** que também contribuiu para meu sustento financeiro. Também ao **Pr. José Tamiosso** que me orientou ao seminário; ao **Pr. Abrão e Frieda Friesen** que me enviaram e sempre acreditaram em mim e estiveram me motivando; ao **Pr. Waldy e Schirley Frey** mostrando sua preocupação para comigo. Agradeço a todos aqueles que me apoiaram e investiram em mim de alguma forma. Eu talvez nunca saiba quantas pessoas oraram por mim, mas com certeza a oração e contribuição de cada um fez grande diferença em minha vida.

Agradeço à **Igreja Batista do Bairro Modelo de Ijuí**, à **Igreja Batista das Missões**, à **Igreja Batista Emanuel de Condor**, e também à **Primeira Igreja Batista de Nova Ramada** que abriram suas portas para que eu pudesse desenvolver um ministério durante os quatro anos e que me proporcionaram crescimento espiritual e também como pessoa. Agradecimentos à **Faculdade Batista Pioneira**, seus **professores e funcionários**, que desempenharam papel importantíssimo na minha formação, e com os quais aprendi bastante, em especial à professora **Hariet Krüger Wondracek**, a qual sempre acreditou em mim e me incentivou na música durante esse tempo aqui. “Obrigada por suas aulas de música e por ter acompanhado a minha monografia, orientando-me e dando idéias. Você é um exemplo para mim.”

Agradeço a todos os colegas com os quais convivi e que tiveram papel importante no meu amadurecimento; em especial ao meu irmão na fé **Jeferson L. Ribeiro** que sempre esteve comigo sendo um amigo verdadeiro em todas as horas. Também ao **Daniel A. Gundt** com o qual compartilhei muitos sonhos antes dessa etapa da minha vida.

A todos que influenciaram minha vida de alguma maneira, obrigada a vocês. Não tenho como lhes retribuir, mas certamente Deus o fará por mim. Obrigada pelas marcas deixadas em minha vida.

*a música toca as emoções humanas de um modo único. Nada consegue provocar a mesma reação suscitada pela música. Deus criou a música para nos enriquecer nesse nível profundo e impenetrável por outros meios.*

**(Paul Basden)**

## **RESUMO**

A música está presente em todos os segmentos da vida do ser humano e em todos os lugares. Ela é a arte de combinar sons de modo que agradem ao ouvido e assim tornam o ambiente agradável. Os vários itens que a compõe, estimulam o cérebro humano, que através da música se torna mais flexível aos mais diferentes tipos de sentimentos, conceitos e princípios.

Ela sempre esteve presente nas diversas culturas no decorrer da história e sempre era lhe atribuído muito valor, porém ultimamente ela está perdendo esse valor, sendo executada e ouvida por simples diversão, sem pensar nela como meio de ensinar valores e princípios, sendo na maioria das vezes de interessa comercial, sem medir as conseqüências negativas que isso traz para a própria sociedade.

Se o objetivo é mudar o comportamento de uma pessoa ou sociedade, a melhor forma é usar a música vinculada aos princípios que se quer ensinar. Ela tem alto poder de influência física, de mostrar os princípios de uma cultura bem como de modelá-la.

Assim também, seu valor é espiritual. Se o comportamento é afetado, também a espiritualidade o é. Em se tratando da influência cristã, ela pode ser usada para o fortalecimento dos cristãos, desde que se tenha os objetivos em mente e se planeje a música para tal, pois ela é capaz de expressar verdades bíblicas, sentimentos, criar ambiente propício para a adoração a Deus e também pode ser usada como meio de evangelismo. Basta os músicos planejarem a música tanto sua letra quanto sua melodia, e achar um equilíbrio entre razão e emoção.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO .....	7
INTRODUÇÃO .....	10
I - A LINGUAGEM DA MÚSICA.....	13
1.1.Definição.....	13
1.2 Elementos da música .....	15
1.2.1 Ritmo.....	15
1.2.2 Melodia .....	17
1.2.3 Harmonia.....	18
1.2.4 Timbre .....	19
II – INCIDÊNCIA NAS CULTURAS.....	22
2.1 Evolução histórica.....	22
2.1.1 Origens .....	22
2.1.3 Idade Moderna.....	30
2.2 A cultura Contemporânea .....	35
2.2.1 Mudanças sociais e científicas .....	35
2.2.2 Movimentos Populares.....	37
2.2.3 O século XXI – Desestruturação / dúvidas .....	38
III – INFLUÊNCIA COMPORTAMENTAL.....	42
3.1 Corpo humano (físico) .....	42
3.2 A música como reflexo da sociedade .....	47
3.2.1 Música e cultura .....	47
3.2.2 Música e expressão de sentimentos.....	51
3.3 A música como modeladora.....	52
IV- INFLUÊNCIA ESPIRITUAL CRISTÃ .....	58
4.1 Expressão de verdades bíblicas.....	60
4.2 Expressão de sentimentos .....	65
4.2.1 Confiança .....	67
4.2.2 Gratidão e alegria .....	68
4.2.3 Ensino.....	69
4.3 Criação de ambiente de adoração .....	70

4.4 Instrumento evangelizador.....	74
CONCLUSÃO .....	79
REFERÊNCIAS .....	81

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta monografia é demonstrar o grande poder de influência da música na vida das pessoas. Em todos os lugares por onde se vai, a música está presente, fazendo parte do cotidiano. Ao analisar-se um pouco do que acontece num ambiente onde há presença musical, pode-se perceber que o comportamento das pessoas provavelmente será de acordo com o que está sendo ouvido. Diante disso surge a pergunta: “A música tem de fato tanta influência sobre o ser humano, sobre o seu cérebro, a ponto de estabelecer conceitos?” Ao lado desta pergunta encontra-se a necessidade de entender-se o que é música, sua presença nas culturas, e se ela realmente é capaz de influenciar no caráter e na questão espiritual.

Assim a primeira parte abordará a linguagem musical. Trará uma definição sobre o que é música, seguindo-se os elementos que a compõe: ritmo, melodia, harmonia e timbre. Um complementa o outro, já que a música fica vazia e sem graça se um dos elementos faltar.

O segundo capítulo da pesquisa se concentrará na incidência da música nas culturas. Ela está presente desde o início em quaisquer povos, mesmo que de formas diferentes. Para demonstrar isso, será apresentada uma evolução histórica da mesma, a partir de sua origem nos gregos, hebreus e orientais. Depois disso, abordar-se-á a Idade Média, seguindo-se a Idade Moderna, onde encontram-se os períodos da Renascença, do Barroco, do Classicismo e do Romantismo. Feito o panorama histórico, será dada uma visão contemporânea da música, através das mudanças sociais e científicas, movimentos populares, seguida pelo século XXI, considerado desestruturado e cheio de dúvidas.

A terceira parte vai se concentrar na influência comportamental que a música provoca. Acredita-se que a música tem poder sobre o ser humano, e este se dá através do corpo físico. Por isso ela também é considerada um reflexo de comportamento das pessoas de uma cultura e expressão de seus sentimentos. Porém, se através dela se conhece uma cultura, a música por sua vez também tem o poder de modelar pensamentos e incutir idéias nas pessoas.

A parte final será destinada a abordar a influência espiritual cristã da música, procurando basear as idéias em conceitos e passagens bíblicas. Em primeiro lugar ela deve ser uma expressão de verdades bíblicas, mas, também é expressão de sentimentos como confiança, gratidão e alegria, e ensino. Também será pesquisado sobre o ambiente de adoração que a música proporciona e como ela pode ser um instrumento evangelizador.

A pesquisa pretende expor, esclarecer e responder as questões citadas acima, mas de modo algum encerra o conteúdo das mesmas, pois o que será abordado é apenas parte do que estudos mais aprofundados do assunto podem trazer. Essa pesquisa é apenas uma “pincelada” para tentar despertar nos leitores a consciência de quão importante e quão influente é a música em sua vida, e como isso pode afetar sua vida espiritual com Deus.

*a música cria um ambiente próprio, um ambiente que tem poder para influenciar as pessoas.*

***(Ramon Tessmann)***

## I - A LINGUAGEM DA MÚSICA

Ramon Tessmann, que tem trabalhado muito na área musical preparando músicas e cantores, diz que “a música cria um ambiente próprio, um ambiente que tem poder para influenciar as pessoas.” Ela cria um clima, uma atmosfera diferente, independente da vontade de quem a ouve. Por exemplo, uma música com ritmo acentuado e volume exagerado dificilmente fará as pessoas se acalmarem. Para que isso aconteça será necessária uma música suave. É por isso que se diz que há música certa para cada ocasião, principalmente quando se trata de culto.<sup>1</sup>

### 1.1. Definição

A **música** (do grego *μουσική τέχνη* - *musiké téchne*, a arte das musas)<sup>2</sup> é a arte de combinar os sons de tal forma que agradem ao ouvido e exerçam enorme poder nos pensamentos e ações, tanto bons quanto maus. Ela também impulsiona tanto desejos carnisais como espirituais. Ela é a arte que afeta o caráter mais diretamente. A melodia da música produz sentimento de entusiasmo, alegria, tristeza, melancolia, sonolência, entre outros. Ela alimenta idéias na mente humana que podem ser tanto projetos de Deus para sua obra como artimanhas do maligno. Tudo depende da escolha do músico.<sup>3</sup>

Leila Gusmão dos Santos afirma que a música é mais que apenas combinar sons, pois é “sentida a partir de nós mesmos”, sendo que cada um a percebe de um modo diferente. A “vivência” musical se faz também por meio dos sons e as melodias são feitas a partir daquilo que se observa em certo lugar. Diz ainda que a música faz parte das pessoas e por isso não é exclusivamente uma “combinação artística”.<sup>4</sup> O musicólogo José Wisnik complementa dizendo que a música, sendo construída de sons em ordem, é um objeto diferenciado entre os objetos concretos, pois por mais nítida que possa ser, é invisível e impalpável. Ela se identifica com uma outra ordem do real e por isso são atribuídos a ela as próprias propriedades de espírito. O som tem um poder de comunicar o mundo material com o mundo espiritual e invisível. O mesmo autor afirma que “o seu valor de uso mágico reside exatamente nisto: os sons organizados nos informam sobre a estrutura oculta da matéria no

---

<sup>1</sup> TESSMANN, R. *Louvor e adoração*, p.32, 33.

<sup>2</sup> *Música - Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>>. Acesso em 27 nov. 2009.

<sup>3</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 25, 26.

<sup>4</sup> SANTOS, L. G. A origem da nossa música. *Fé e ação*, p. 21.

que ela tem de animado.” O som nos toca com enorme precisão. O seu poder invade e às vezes torna-se incontrolável, envolve, apaixona e aterroriza.<sup>5</sup>

Wisnik diz ainda que a música é uma conversa entre o som e o ruído. O mundo se apresenta para nós através de ruídos, frequências irregulares e caóticas com as quais a música trabalha para dar uma ordenação. Quando um único som afinado é cantado em uníssono por algumas pessoas, ele consegue chamar atenção no meio dos ruídos do mundo, pois há ali um acordo. As sociedades existem na medida em que possam fazer música. Ela é o modelo utópico da harmonia na sociedade sem conflitos, já que ela é o meio entre o som e o ruído. “A música extrai som do ruído num sacrifício cruento, para poder articular o barulho e o silêncio do mundo.”<sup>6</sup>

De todos os animais, o homem é o único a apresentar um cérebro capaz de compreender complexas estruturas musicais, emocionar-se com elas e responder a elas com movimentos. Em uma entrevista no jornal “O Globo”, feita pela jornalista Roberta Jansen a Oliver Sacks, neurologista britânico, este diz que a musicalidade é tão importante quanto a linguagem e entender a relação entre música e cérebro é fundamental para compreender o homem.<sup>7</sup> Em seu livro *Alucinações Musicais* cita Schopenhauer, que escreveu que “A inexprimível profundidade da música tão fácil de entender e no entanto tão inexplicável, deve-se ao fato de que ela reproduz todas as emoções do mais íntimo do nosso ser, mas sem a realidade e distante da dor.”<sup>8</sup> Isso acontece muitas vezes, mas às vezes ela expressa a realidade.

Para Kurt Pahlen, música “é um fenômeno acústico para o prosaico; um problema de melodia, harmonia e ritmo para o teórico; e o desdobrar das asas da alma, o despertar e a realização de todos os sonhos e anseios de quem verdadeiramente a ama...”<sup>9</sup>

Na enciclopédia livre Wikipédia encontra-se a seguinte afirmação:

“A criação, a performance, a significância e até mesmo a definição de música variam de acordo com a cultura e o contexto social. A música vai desde composições fortemente organizadas (e a sua recriação na performance), música improvisada até formas aleatórias. A música pode ser dividida em gêneros e subgêneros, contudo as linhas divisórias e as relações entre gêneros musicais são muitas vezes sutis, algumas vezes abertas à interpretação individual e ocasionalmente controversas. Dentro das "artes", a

<sup>5</sup> WISNIK, J. M. *O som e o Sentido*, p. 28.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 33-35.

<sup>7</sup> JANSEN, Roberta. <http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2007/09/29/297941924.asp>

<sup>8</sup> SACKS, O. *Alucinações musicais*, p.11.

<sup>9</sup> PAHLEN, K. A música na vida humana. In: *O poder da música*, p. 12.

música pode ser classificada como uma arte de representação, uma arte sublime, uma arte de espetáculo”.<sup>10</sup>

A música enriquece a vida do ser humano. Todos os órgãos finais de nossos sentidos – audição, vista, tato, olfato, paladar (em parte) – possuem papéis distintos. Eles proporcionam matéria-prima básica para nossa inteligência e também o senso estético. Segundo Gaston, “nunca alcançaremos prazer total da nossa capacidade humana a menos que crescamos e nos desenvolvamos dentro de um ambiente musical rico”.<sup>11</sup>

## 1.2 Elementos da música

### 1.2.1 Ritmo

É a marcação do tempo. A música proporciona longos objetos sônicos, e o cérebro então quebra esses objetos para poder analisá-los. São pequenos bocados agrupados compondo até serem grandes objetos musicais.<sup>12</sup> No plano de fundo musical ,haverá uma batida regular, que se chama de pulsação da música, que serve de referência ao ouvido para medir o ritmo.<sup>13</sup> Conforme se lê na enciclopédia Mirador “a função do ritmo é de criar estados de tensão, exprimir a energia vital por meio de acentuações e alternância de tempos fortes e fracos.”<sup>14</sup>

O ritmo é elemento primário da experiência humana, envolvendo ação e induzindo ao movimento.<sup>15</sup> Foi descoberto pelo homem com o andar, correr, cavalgar ou fazer qualquer tarefa com movimentos repetitivos. A origem da música foi sensorial e vocal – o sensorio é a parte cerebral responsável pelas sensações. “Quando o sentimento e a emoção mexem com o sistema muscular, ele, estimulado pelo prazer ou pela alegria, produz uma contração no peito, da laringe e das cordas vocais”. Assim como seus utensílios, os instrumentos musicais tiveram sua base no corpo humano. Por exemplo, com a boca e garganta produzia-se uma melodia e a isso juntou-se o estalar dos dedos, palmas, até que os braços e pernas passaram a produzir uma música corporal rítmica.<sup>16</sup>

Na música ocidental, o tempo é geralmente organizado para estabelecer uma pulsação regular, e pela subdivisão dessa pulsação em grupos regulares. O jeito como acontece essa pulsação

<sup>10</sup> Música - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>> Acesso em 27-11-09.

<sup>11</sup> GASTON, E. T. Tratado de Musicoterapia, p.33.

<sup>12</sup> JOURDAIN, R. *Op. Cit.*, p. 168-172.

<sup>13</sup> BENNETT, R. Uma breve história da música, p.12.

<sup>14</sup> Ritmo. In: Enciclopédia Mirador internacional, vol.18, p. 9954.

<sup>15</sup> CHAGAS, M.; PEDRO, R. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>16</sup> FREDERICO, E. Música: breve história, p.7-8.

em grupos é a métrica de uma composição, e a velocidade das pulsações é o seu andamento. A maior parte da música ocidental desde a Idade Média até o séc XX, tem pulsação rítmica e métrica regulares.<sup>17</sup> Numa seqüência de sons com a mesma intensidade e com intervalos regulares, cada um deles representará um tempo. Ao ouvi-los com atenção surge a necessidade de dar uma importância diferente a elas e fazer entre eles uma relação que formará o ritmo.<sup>18</sup> O ritmo é comparado com as batidas de um relógio, um incessante batimento que os ritmos cobrem. Uma vez que o cérebro as sente, logo continua a esperar por elas, por isso precisam ser continuamente reforçadas. Psicologicamente a pulsação estabelece a atenção, pois o sistema nervoso logo para de perceber fenômenos sem variação.<sup>19</sup>

O ritmo pode alterar a pulsação cardíaca pois exerce influência sobre os músculos. A pulsação se altera de acordo com o ritmo que ouvimos, e se tocado durante muito tempo repetidamente, pode afetar a consciência.<sup>20</sup>

Esse ritmo regular nem sempre existe principalmente em alguns tipos de música antiga, como por exemplo no cantochão eclesiástico<sup>21</sup>, no qual o ritmo era realizado de acordo com convenções e com o texto verbal, ou seja, ritmo irregular.<sup>22</sup> Em algumas peças musicais do séc. XX, compositores tentaram alcançar um ritmo mais flexível evitando estruturas rítmicas regulares monótonas e estéreis. Para isso usaram: síncope (acentuação deslocada); notas mais curtas em tempos acentuados do compasso; frases que evitam os padrões de quatro ou oito compassos; uma frase grudada na outra ou frase estendida; deslocamento rápido da acentuação.<sup>23</sup>

O ritmo é fundamental, pois a música só pode existir no tempo. Ele influencia em muitos outros aspectos: é importante elemento na melodia, implica na progressão da harmonia e desenvolve papéis em questões como textura, timbre e ornamentação.<sup>24</sup> Platão disse que o ritmo é “uma ordem de movimento.”<sup>25</sup> Ele facilita a tarefa conjunta, pois é um “link” de união.<sup>26</sup>

<sup>17</sup> Ritmo. In: SADIE, S. (Edit). Dicionário Grove de Música, p.788.

<sup>18</sup> Ritmo. In: Enciclopédia Mirador internacional, v.18, p. 9954.

<sup>19</sup> JOURDAIN, R. *Op. Cit.*, p. 168-172.

<sup>20</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 33.

<sup>21</sup> “Canto monofônico e em uníssono, originalmente sem acompanhamento.” (SADIE, S. *Op. Cit.*, p. 166).

<sup>22</sup> BENNETT, R. *Op. Cit.*, p.13.

<sup>23</sup> Ritmo. In: SADIE, S. (Edit). *Op. Cit.*, p.788.

<sup>24</sup> *Ibidim*, p.788.

<sup>25</sup> Ritmo. In: Enciclopédia Barsa, v. 13, p.422.

<sup>26</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p. 36.

Oliver Sacks diz que a maioria das pessoas são capazes de perceber música, que por ser composta por vários elementos usa muitas partes do nosso cérebro, e isso acontece geralmente inconscientemente. “Ouvir música não é algo apenas algo auditivo e emocional, é também motor.” Ele cita Nietzsche, que escreveu que “ouvimos música com nossos músculos.” Acompanha-se o ritmo, atende-se aos pensamentos e sentimentos que ela provoca mesmo que não se esteja prestando atenção a ela conscientemente.<sup>27</sup>

A maioria das pessoas ocidentais precisa estudar muito bem a música em relação ao ritmo antes de executá-la. São muitos os que deixam de lado a música na qual não podem marcar o tempo. Sem a ordem rítmica a melodia e harmonia se perdem.<sup>28</sup>

### 1.2.2 Melodia

A melodia é considerada uma sucessão de sons.<sup>29</sup> Mais que uma seqüência de notas, ela possui notas de duração e acentuação variáveis (ritmo) e as relações que se ouvem numa melodia são entre as notas da melodia e um centro harmônico predominante.<sup>30</sup> Essa é a linguagem emocional da música, que pode interferir nas emoções.<sup>31</sup>

A melodia é “uma série de notas musicais dispostas em sucessão, num determinado padrão rítmico, para formar uma unidade identificável”, um fenômeno universal desde a pré-história. Provavelmente ela começou a se desenvolver a partir de modulações vocais por graus simples, através de combinações de intervalos pequenos, evoluindo até as mais complexas formas de música erudita ocidental. A melodia se move no espaço sonoro e desdobra-se no tempo, alternando com maior ou menor tensão, baseado na altura e duração dos sons,<sup>32</sup> que geralmente não tem duração iguais. Nela são encontradas as melhores e mais abstratas qualidades do pensamento musical.<sup>33</sup>

O conceito de melodia varia de cultura para cultura. Em algumas culturas, certas melodias são associadas a alguns textos, como no teatro japonês ou no cantochão ocidental. A maioria das melodias possui padrões – “ascendentes ou descendentes, de organização de motivos e de cadenciamento final” – que são próprios de suas culturas. Normalmente isso está ligado ao

<sup>27</sup> SACKS, O. *Op. Cit.*, p. 10, 11.

<sup>28</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>29</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p.33.

<sup>30</sup> JOURDAIN, R. *Op. Cit.*, p. 90, 116.

<sup>31</sup> TESSMAN, R. *Op. Cit.*, p.33.

<sup>32</sup> Melodia. In: Enciclopédia Barsa, v.10, p.499.

<sup>33</sup> Melodia. In: Enciclopédia Mirador internacional, v. 14, p. 7452.

tom ou ao modo em que são construídas, o que possivelmente ditará a nota final.<sup>34</sup> O ritmo pode existir sem melodia, mas a melodia não pode existir sem ritmo.<sup>35</sup> A melodia precisa do ritmo pois cada nota tem uma duração e também porque a articulação rítmica numa escala mais ampla lhe dá forma e vida. A harmonia também influencia na melodia para dar o contorno e direcionar uma linha melódica.

O conceito do que seja uma música melodiosa no contexto ocidental está em constante mudança, porque geralmente todas as gerações criticam a falta de melodia na música produzida pela geração seguinte.<sup>36</sup> A reação à melodia é algo muito pessoal, pois aquilo que faz “sentido musical” para um, outro pode não aceitar; o que é interessante e bonito para um, pode ser um horror para outro.<sup>37</sup>

### 1.2.3 Harmonia

O vocábulo transmite a idéia de ordem, boa lógica, simetria, conformidade.<sup>38</sup> É um conjunto de notas tocadas ao mesmo tempo<sup>39</sup> chamado de acordes, que por sua vez deve seguir as leis da tonalidade.<sup>40</sup> Os sons que se combinam são chamados de consonantes e os que não se combinam de dissonantes.<sup>41</sup> A palavra “Harmonia” pode-se referir tanto à escolha das notas que compõe um certo acorde, e em um sentido mais amplo, para descrever o desenvolvimento ou progressão dos acordes durante uma composição completa.<sup>42</sup> Por exemplo, uma voz humana acompanhada por instrumentos, vozes secundárias, não se trata de diferentes melodias diferentes, mas de uma melodia dominante, na qual os outros sons acompanhantes estão sujeitos como em colunas, e que formam os acordes, e por isso, chamada de música vertical.<sup>43</sup>

As tonalidades são definidas pelos seus acordes característicos. Quando aparece um tom diferente da tonalidade, ele produz uma dissonância e é sentido como um fenômeno acústico estranho: o cromatismo. Ele pode mudar a tonalidade até que fique irreconhecível. A mudança

<sup>34</sup> SADIE, S. (Edit). *Op. Cit.*, p. 592.

<sup>35</sup> Melodia. In: Enciclopédia Barsa, v.10, p. 499.

<sup>36</sup> SADIE, S. (Edit). *Op. Cit.*, p. 592.

<sup>37</sup> BENNETT, R. *Op. Cit.*, p. 11.

<sup>38</sup> Harmonia. In: Enciclopédia MIRADOR internacional, vol. 11, p. 5668.

<sup>39</sup> TESSMAN, P.33

<sup>40</sup> WAWGINIAKS, J. L. O conflito das gerações na música cristã, p. 2.

<sup>41</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p.33.

<sup>42</sup> BENNETT, R. *Op. Cit.*, p. 11.

<sup>43</sup> Harmonia. In: Enciclopédia Barsa, v.8, p. 472.

de uma tonalidade para outra é chamada de modulação, e essas modulações possuem um sistema de regras.<sup>44</sup>

A harmonia mexe com o cérebro pois precisa ser entendida. Quanto mais elaborada, mais esforço mental exigirá, enquanto que as harmonias menos complicadas exigem menos. Um exemplo disso é o estilo de música sertaneja, composta na maioria das vezes por terças,<sup>45</sup> ou seja, composições simples e fáceis de serem compreendidas, acompanhadas por pouca variação de acordes. Diferente é um coral de Bach, onde cada sílaba normalmente corresponde a um acorde diferente.

### 1.2.4 Timbre

Timbre é a qualidade ou o “colorido” de um som, e cada instrumento ou mesmo a voz tem um som que lhe é próprio. Por exemplo, o som característico de um trompete é que faz com que logo o reconheçamos como tal.<sup>46</sup>

Segundo o Dicionário Grove de música

o som é gerado por vibrações transmitidas à atmosfera pela fonte sonora como flutuações de pressão, e daí ao tímpano do ouvinte. Quanto mais rápida a vibração (ou maior sua ‘frequência’) mais agudo o som. Quanto maior a amplitude da vibração, mais intenso será o som. A maioria dos sons musicais consiste não apenas de vibrações regulares em uma frequência particular, mas também de vibrações em vários múltiplos dessa frequência.<sup>47</sup>

O que determina a qualidade dos sons são os harmônicos.<sup>48</sup> A diferença entre uma flauta, um oboé e um clarinete tocando a mesma nota é que o timbre da flauta tem poucos e fracos harmônicos, o do oboé possui harmônicos mais agudos, e o do clarinete o predomínio é de harmônicos ímpares. Essa diferença se deve à forma como a vibração do som é feita: “na flauta, pela passagem de ar através de uma fenda; no oboé, pela palheta dupla e, no clarinete, pela palheta simples, além da forma do tubo acústico.” Quando o agente vibrador de um

<sup>44</sup> *Ibidim*, v. 8, p. 472.

<sup>45</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p.33.

<sup>46</sup> BENNETT, R. *Op. Cit.*, p. 12.

<sup>47</sup> Acústica. In: SADIE, S. (Edit.). *Op. Cit.*, p. 6.

<sup>48</sup> “Sons parciais que normalmente compõem a sonoridade de uma nota musical. Eles se fazem presentes pelo fato de que tanto uma corda quanto uma coluna de ar têm a característica de vibrar não apenas como um todo, mas também como duas metades, três terços, etc. , simultaneamente. A força relativa de cada harmônico proporciona a qualidade sonora da nota tal como ouvida.” [Harmônicos. In: SADIE, S. (Edit.). *Op. Cit.*, p. 408].

instrumento são os lábios de uma pessoa, o tubo é capaz de produzir a nota fundamental tanto quanto outros harmônicos, através da pressão labial.<sup>49</sup>

Nos instrumentos onde se precisa coluna de ar, quanto mais longa a coluna, mais grave a altura do som. A altura pode ser elevada destapando orifícios no tubo. No caso da voz, o ar se movimenta a partir das cordas vocais e circula na garganta, convertendo em som o ar que vem dos pulmões; a altura do som é controlada “pelo tamanho e pela forma das cavidades na faringe e na boca. Nos instrumentos de cordas, elas são colocadas em vibração a partir de fricção.”<sup>50</sup>

Outro elemento da música é a letra, mas essa é opcional. Ela está presente em quase todas as músicas e transmite uma idéia. Uma questão é que a maioria das pessoas não aprendeu apreciar música pura, portanto sem letra ela é considerada sem graça. Porém, se for de qualidade, uma música instrumental pode ter mais efeitos do que uma letra mal entoada.

---

<sup>49</sup> Harmônicos. In: SADIE, S. (Edit). *Op. Cit.*, p. 408.

<sup>50</sup> *Ibidim*, p. 408.

*Com efeito, toda a arte humana é, ao mesmo tempo, percepção e expressão emocional, por meio de linguagem apropriada, ambas dons de Deus às suas criaturas; ambas marcas indeléveis do Criador.*

***(Rubem Amorese)***

## II – INCIDÊNCIA NAS CULTURAS

A música faz parte da cultura dos mais diversos povos. São desconhecidas civilizações ou agrupamentos que não possuam manifestações musicais próprias; o que muda é sua performance de acordo com a cultura e o contexto social. Ela está diretamente ligada à vida das pessoas. Ao longo do tempo, tem adquirido cada vez mais utilidade não só como arte, mas como teor militar, educacional ou terapêutico, com presença central em várias atividades coletivas, como rituais religiosos, festas e funerais.<sup>51</sup> Leila Gusmão dos Santos afirma que “Muitas vezes a música nada mais é do que o reflexo do meio em que vivemos.”<sup>52</sup>

Tanto para os primeiros povos quanto no mundo atual, “viver é ser artístico”. As marcas no corpo, roupas, ornamentos, arcos e lanças, instrumentos, danças, cânticos eram formas de dar identidade à tribo e acrescentar intensidade à vida diária. As evidências mostram que a arte sempre existiu em dois níveis: profissional e amador.<sup>53</sup>

A música é um meio universal de expressão e há muitas linguagens musicais simbólicas, sendo que a melhor compreensão dela se dá dentro da própria cultura. Ela pode não significar nada para alguém de fora dela. O maior significado é para os membros da própria cultura porque cresceram ouvindo-a.<sup>54</sup>

### 2.1 Evolução histórica

Com a evolução das culturas, pode-se perceber um desabrochar de atividades intelectuais e sociais diversas, entre as quais a música tem papel preponderante.<sup>55</sup> Para entender melhor esse aspecto, será abordado brevemente o papel em algumas culturas durante períodos diferentes da história, até chegar aos dias atuais.

#### 2.1.1 Origens

##### 2.1.1.1 Gregos

“Na Grécia antiga a música sempre esteve ligada à vida do povo e infiltrou-se profundamente em suas atividades profanas e religiosas, coletivas e particulares.” Porém, nada se sabe com

---

<sup>51</sup> Música - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>>. Acesso em 27-11-2009.

<sup>52</sup> SANTOS, L. G. A origem da nossa música. Fé e ação, p. 23.

<sup>53</sup> HUSTAD, D. P. Jubilate: a música na igreja, p. 25.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>55</sup> FAUSTINI, J. W. Música e adoração, p. 29.

precisão da música na antiguidade.<sup>56</sup> A música era um fenômeno de origem divina ligada à magia e mitologia<sup>57</sup> e por isso sua liturgia era baseada na existência dos deuses.<sup>58</sup> Ela relata a percepção grega de como o seu povo teria vindo à existência e de que continuava a ser regido por eles.<sup>59</sup>

A música grega cantada ou tocada sempre foi associada à palavra, e conheceu apenas a melodia e não harmonia. Os timbres das vozes eram divididos em: netóide (tenor); mesóide (barítono); hipatóide (baixo). As vozes femininas só foram utilizadas bem mais tarde nas intervenções do coro das tragédias.<sup>60</sup>

Mais tarde a harmonia foi desenvolvida, que não se limitava apenas as oitavas como em outras culturas posteriores. O seu sistema de tetracordes abrangia o registro geral das vozes masculinas. Eram empregados quatro modos primordiais e um deles servia de base à educação musical na Grécia, mas também haviam as harmonias estrangeiras vindas da Ásia Menor e do Oriente.<sup>61</sup>

A notação musical era bastante desenvolvida e a duração das notas era indicada por certos sinais colocados por cima das letras. A música vocal podia ser *à capela* ou com acompanhamento da cítara ou do aulo. A parte instrumental era à base de cordas ou de sopro. “Segundo os filósofos gregos, qualquer modo ou escala, gênero melódico, ritmo ou instrumento tinha um caráter expressivo e conferia poderes morais diferentes (*éthos*).”<sup>62</sup>

Na antiga Grécia existiam duas escolas de música: a Pitagórica, que era formada de músicos matemáticos; e a Harmônica, que negava o valor dos números na música.<sup>63</sup> Pitágoras foi o grande teórico da música grega e é considerado o fundador do conhecimento de harmonia musical – a relação física entre as diferentes notas e o efeito de suas combinações. Ele foi o sistematizador da associação de cada modo com determinado estado da alma, colocando neles uma ética especial. Por exemplo, considerava-se o modo dórico capaz de induzir um estado (*ethos*) pacífico e positivo, o que hoje pode ser comparado ao efeito das modernas escalas

<sup>56</sup> Grécia. In: *Enciclopédia Mirador*, v. 10, p. 5474.

<sup>57</sup> *Música da Grécia Antiga – Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica\\_da\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga)>. Acesso em 28-04-10.

<sup>58</sup> FREDERICO, E. *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>59</sup> *Música da Grécia Antiga – Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica\\_da\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga)>. Acesso em 28-04-10.

<sup>60</sup> FREDERICO, E. *Op. Cit.*, p. 40.

<sup>61</sup> Grécia. In: *Enciclopédia Mirador*, v. 10, p. 5475.

<sup>62</sup> *Ibidim*, v.10, p.5475.

<sup>63</sup> FREDERICO, E. *Op. Cit.*, p. 43.

maiores usadas para proporcionar uma impressão animada e alegre, e a menor, usada para descrever melancolia e introspectiva. Ele analisou a música sob a ótica matemática, o que resultou uma estrutura criada e sustentada por meio de relações numéricas perfeitas.<sup>64</sup>

A música teve ligação direta com a filosofia e assim uma série de regras éticas foram estabelecidas para a composição e execução musical, para que ela representasse a ordem perfeita do mundo. Platão começou a quebrar algumas regras e defendia o julgamento das consonâncias pelo ouvido e não por razões matemáticas, filosofia que levou modernamente ao sistema de natureza de escalas. Foi considerado mundano, satisfazendo somente os sentidos físicos, desfazendo a ética musical estabelecida anteriormente. Essa época foi marcada pela evolução da arte em direção ao subjetivismo, de forma livre, em relação a melodia, ritmo e cromatismos.<sup>65</sup>

Aristóteles nessa linha mais aberta de apreciação, e baseado no conceito da *catarse*<sup>66</sup>, justificava antropológicamente o fenômeno musical. Para ele não havia nada de eticamente nocivo na música, pois ela deveria ser um modo de purificação das paixões pela sua indução imitativa, insignificante, e por fim, liberadora,

dizendo que Platão confundia a realidade com a imitação da realidade. Na visão de Aristóteles a música era uma espécie de desocupação e uma arte liberal e nobre, sendo ao mesmo tempo medicinal e educativa por oferecer às pessoas a oportunidade do confronto com sentimentos específicos, para conhecê-los e posteriormente, na vida real, poderem ser capazes de escolher os que fossem adequados.<sup>67</sup>

### 2.1.1.2 Hebreus

A música sempre esteve ligada a vida religiosa dos hebreus<sup>68</sup> e talvez fosse mais falada do que cantada.<sup>69</sup> Muitos deles tocavam seus instrumentos, cantavam e dançavam, não se limitando apenas em escutar, diferente de hoje em que alguns tocam e outros ouvem.<sup>70</sup>

<sup>64</sup> Música da Grécia Antiga – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica\\_da\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga)>. Acesso em 28-04-10.

<sup>65</sup> *Ibidim*. Cromatismo: “Técnica musical que emprega notas em seqüência de SEMITONS.” (DOURADO, Henrique Autran. Dicionário de expressões da Música, p.99).

<sup>66</sup> *Catarse*: “significa ‘purificação’, ‘evacuação’ ou ‘purgação’. Segundo Aristóteles, a *catarse* refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama.” (Catarse – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarse>>. Acesso em 22 jun. 2010.

<sup>67</sup> Música da Grécia Antiga – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica\\_da\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAAsica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga)>. Acesso em 28-04-10.

<sup>68</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 30-32.

<sup>69</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 65.

<sup>70</sup> COLEMAN, W. L. Manual dos tempos e costumes bíblico, p. 275.

Através da história da nação judaica, a música foi intimamente relacionada com o culto<sup>71</sup>, mas não só no culto. “Quase toda reunião ou ocasião festiva servia de pretexto para se fazer música”.<sup>72</sup> Sobre o assunto o historiador William Coleman afirmou que: “Os hebreus expressavam as mais profundas emoções em composições poéticas, que eram feitas para serem cantadas. A estrutura da poesia hebraica não era baseada em ritmo, mas em formas de raciocínio, em harmonias de idéias e em antíteses”.<sup>73</sup>

O povo não era muito voltado à escultura e pintura, talvez pelo fato de que não deveriam representar Deus por imagens. Assim concentraram toda energia na poesia e música,<sup>74</sup> que se tornou um ótimo meio de comunicação entre os homens e deles com Deus.<sup>75</sup> Na história das religiões, somente duas desenvolveram a arte da música até um grau mais elevado. Nas outras, encontram-se o uso do canto fúnebre e do cantochão, mas somente o judaísmo e cristianismo desenvolveram a música como parte integral do culto.<sup>76</sup>

As atividades musicais iam desde corais bem ensaiados até danças de rua espontâneas. Era algo levado muito a sério, ao mesmo tempo em que se divertiam com isso. “A lei de Deus continha muitas orientações que incentivavam a alegria e o divertimento.”<sup>77</sup> Gostavam de música rítmica e de expressar suas emoções tanto quando estavam tristes quanto quando estavam alegres, e ao ouvir uma música geralmente não ficavam parados. Davam gritos de angústia e também gritos de alegria e ações de graça.<sup>78</sup> Ela também fazia parte durante o trabalho coletivo do povo (Nm 21.16-17; Ed 3.10-11).<sup>79</sup>

Nos primeiros capítulos da Bíblia, vê-se que a música ocupa lugar especial na sociedade. Gênesis 4.20-22 fala sobre os filhos de Lameque que foram os iniciadores de três coisas significativas: criação de gado, artífices e *músicos*.<sup>80</sup> Os instrumentos musicais usados pelos hebreus eram: 1) *flauta*: instrumento de sopro feito de madeira, com apenas um orifício, pelo qual era controlada a altura do som. Por ter som agudo era ideal para casamentos e funerais (Mt 9.23; Is 30.29); 2) *saltério (lira)*: feito de 3 a 12 cordas montadas sobre madeira. Era o instrumento tocado por Davi (1 Rs 10.12); 3) *trombeta*: era um tubo longo, no qual as pontas

<sup>71</sup> McCOMMON, P. *A música na Bíblia*, p.11.

<sup>72</sup> COLEMAN, W. L. *Op. Cit.*, p. 275.

<sup>73</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 30-32.

<sup>74</sup> PAHLEN, K. *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>75</sup> COLEMAN, W. L. *Op. Cit.*, p. 275.

<sup>76</sup> McCOMMON, P. *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>77</sup> COLEMAN, W. L. *Op. Cit.*, p. 275.

<sup>78</sup> *Ibidim*, p. 277.

<sup>79</sup> *Ibidim*, p. 275.

<sup>80</sup> *Ibidim*, p. 275.

eram alargadas parecendo com a boca de um sino, geralmente feita de cobre ou prata. Era bastante usada nas cerimônias do templo (2 Cr 5.12); 4) *shofar*: feito de chifre de carneiro de forma arredondada. Era tocado nas sinagogas e também na ocasião da queda das muralhas de Jericó (Js 6.20); 4) *harpa*: feita com um bojo de vidro ou de peles onde nas bordas eram esticadas de 10 a 20 cordas. Também podia ser montada sobre madeira ou metal; 5) *tamboril*: semelhante ao pandeiro feito de um aro de madeira e peles de animais fixadas nele. Era bastante apreciado em festas e danças (2 Sm 6.5); 6) *címbalos (pratos)*: usado para a marcação do ritmo em celebrações e festas.<sup>81</sup>

Muitos desses músicos possuíam grandes habilidades e conhecimento musical, tanto que o rei indicou alguns para serem músicos oficiais (1 Cr 25.1), bem como cantores (1 Cr 25.7). Até Senaqueribe, rei da Assíria quando invadiu a terra, exigiu como tratado de paz, a entrega de alguns músicos.<sup>82</sup> Dois reis tornaram-se símbolos desses amantes da música: Davi (cerca de 1000-960), sempre com uma harpa na mão; e o seu sucessor Salomão, que escreveu mais de 3000 provérbios e era muito admirado pelos seus contemporâneos. A história do povo judeu é cheia de acontecimentos em que a música teve papel relevante.<sup>83</sup>

Na época, não eram compostas músicas com objetivo comercial, e os coros geralmente cantavam em uníssono. Tanto em Israel quanto em outros povos haviam grupos musicais organizados. Em 1 Crônicas 25.1-8 está registrado que havia uma instrução e liderança na parte da música. O povo era instruído nos cânticos e passavam por um período de treinamento sistemático e ensaios regulares, para que estivessem preparados, quando chegasse a hora de servir no templo. Também em Neemias 12.42,46 há um completo programa de treinamento na questão da música.<sup>84</sup>

Entre os cristãos o canto também teve papel importante nos cultos. O próprio Jesus cantava durante as cerimônias religiosas. Na ocasião da última ceia de Jesus antes de saírem para o monte das Oliveiras, Jesus e seus discípulos cantaram um hino (Mt 26.30). Parece que os cristãos tinham suas forças renovadas através dos cânticos nos momentos de aflição como registrado em Atos 16.25.<sup>85</sup>

---

<sup>81</sup> COLEMAN, W. L. *Op. Cit.*, p. 276.

<sup>82</sup> *Ibidim*, p. 276.

<sup>83</sup> PAHLEN, K. *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>84</sup> McCOMMON, P. *Op. Cit.*, p. 40, 41.

<sup>85</sup> COLEMAN, W. L. *Op. Cit.*, p. 277.

Os primeiros cristãos davam muito valor ao cântico. Era uma forma de abrir o coração perante Deus e uns para com os outros, e também ser edificado. Paulo fala sobre a música em suas cartas: Efésios 5.18-19; 1 Coríntios 14.15; Cl 3.16, ensinando os crentes a cantarem e tocarem salmos, hinos e cânticos espirituais. Nos dias de tribulação, descrito em Apocalipse, várias manifestações musicais são destacadas: Ap 5.9; 14.3; 15.3. Para os judeus a música tinha origem divina, pois uma coisa tão bela só poderia ter vindo do céu.<sup>86</sup>

### 2.1.1.3 Orientais

“A música oriental evoluiu de forma independente e com marcadas diferenças em relação à ocidental, mesmo depois da aproximação entre ambas, no final do século XIX”.<sup>87</sup> Ela sempre teve a tendência de dirigir sua atenção não para dentro do mundo, mas para além dele. Cada ritmo é uma prece, cada melodia uma contemplação, mas com grande carência na harmonia.<sup>88</sup>

A música indiana, por exemplo, é totalmente diferente da ocidental. Seu fundamento está na improvisação a partir de um sistema de afinações dos instrumentos e da música com o universo, sem temas fixos e prontos, nem partitura. Possuem um elemento mediador entre a escala e a melodia: “raga”. A música indiana produz forte influência sobre o músico e o ouvinte com caráter ritual e terapêutico.<sup>89</sup>

Na China, a música exerceu papel bem importante nas concepções filosóficas e lendárias. Os fundamentos dessa música são bem diferentes do Ocidente com uma teoria musical bem desenvolvida, inclusive as particularidades da sua notação musical. A criação de uma arte bem particular por seus instrumentos foi conservada até o século XX.<sup>90</sup> Ali viveu o primeiro teórico de música; Ling Lun, que sistematizou os cinco tons perfeitamente conforme as relações de vibração. Os nomes dados às notas foram baseados nas classes sociais: *Kong*, o imperador, *Chang*, o ministro, *kyo*, o burguês, *tchi*, o funcionário e *yu*, o camponês. Isso mostra como a música tinha fortes raízes na sociedade. Também para o pensador chinês

<sup>86</sup> COLEMAN, W. L. *Op. Cit.*, p. 278.

<sup>87</sup> Breve história da música. Disponível em:

<[http://www.musicaeadoracao.com.br/tecnicos/historia\\_musica/breve\\_historia\\_musica.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/tecnicos/historia_musica/breve_historia_musica.htm)>. Acesso em 03-05-10.

<sup>88</sup> TAME, D. O poder oculto da música: transformação do homem pela energia da música, p. 45-46.

<sup>89</sup> WISNIK, J M. *Op. Cit.*, p. 91.

<sup>90</sup> China. In: Enciclopédia Mirador internacional, v. 5, p. 2362.

Confúcio, a música era uma força geratriz de cultura e a desempenhava na educação e moral predominante.<sup>91</sup>

A música chinesa jamais é excitante, sempre bem moderada, usada pelos soberanos chineses para influenciar os sentimentos populares. Desde o imperador Fu Hsi (c. 2205 a.C.), cada soberano tinha sua própria música, feita por ele ou sob sua direção, podendo ser executada em cerimônias religiosas ou civis. De acordo com a lenda, o imperador Huang-ti (II milênio a.C.) motivou a prática da música como uma manifestação artística conforme o maior bem-estar do povo. “A ele são atribuídos os primeiros princípios de ordenação musical”, que se baseavam num feixe de bambus da mesma espessura, e eram seccionados em um intervalo de dois nós. Os chineses antigos ensinavam a música, freqüentemente, por tradição e por via oral.<sup>92</sup>

Os instrumentos musicais eram separados em oito grupos e feitos de metal, pedra, seda, bambu, pele, madeira, etc. normalmente cada grupo se apresentava na orquestra. “No que se refere ao desenvolvimento das manifestações musicais, sob o reinado do imperador Wu-ti (c. 141-c. 87 a.C.), um departamento de música foi fundado pelo governo. A principal finalidade dessa instituição era a de supervisionar os ritos, as cerimônias, a música da corte e o canto folclórico, preparar uma seleção das principais peças de melodias nacionais e estabelecer ou manter o diapasão correto dos *Liu*.”<sup>93</sup>

A música recebia atenção especial dos filósofos para que todos os cidadãos estivessem livres dos perigos do uso indevido da música e do seu poder. Ela não poderia ser somente entretenimento, e sim influir no caráter.<sup>94</sup>

Na China, para que o imperador soubesse o que está acontecendo, percorria os territórios e *experimentava as alturas das suas notas musicais*. Queria verificar as cinco notas da antiga escala musical chinesa, que recebiam expressões políticas. Buscava então músicas e ouvia as canções populares, verificando se toda música correspondia aos cinco tons, caso contrário, quando o local não apresentava essa conformidade, apresentava problemas. Acreditava-se que as civilizações são moldadas de acordo com o tipo de música que nelas são entoadas. Mudando-se a música, haveria uma inevitável mudança no estilo de vida. Havia uma mesma crença em quase todas as civilizações avançadas da antiguidade como Mesopotâmia, Índia e

---

<sup>91</sup>PAHLEN, K. *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>92</sup> China. In: *Enciclopédia Mirador internacional*, v. 5, p. 2362.

<sup>93</sup> *Ibidim*, v. 5, p. 2363.

<sup>94</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 35.

Egito, de que a música é uma força capaz de criar mudança, para melhor ou pior e afetar a sociedade como um todo.<sup>95</sup>

### 2.1.2 Idade Média

A influência do sistema musical grego sobre a história da música foi visivelmente grande. No século IV da era cristã, com a escolha dos quatro modos principais gregos para os cantos litúrgicos da Igreja Católica, as melodias mais antigas eram inspiradas em cantos gregos, hebraicos e romanos. O canto gregoriano não conta com instrumentos acompanhantes,<sup>96</sup> e é o primeiro ponto de referência histórico da música ocidental e moderna. O cantochão, como também é conhecido, é caracterizado por evitar instrumentos acompanhantes e até mesmo a voz em vários timbres, sendo cantado apenas por vozes masculinas, na caixa de ressonância da igreja. A aceitação da música na igreja é cheia de idas e voltas.<sup>97</sup>

Fora do ambiente religioso, as pessoas cantavam e tocavam músicas dos mais diversos tipos: cantigas de roda (mais populares e quase sempre de autor desconhecido), canções de trabalho, de colheita. A música demonstrou de certa forma, o avanço do pensamento humanista que marcou a Europa Ocidental desde o século XII. Continuava havendo o canto coral, mas começou-se a valorizar o cantor, sua voz independente, bem como a divulgação de canções populares.<sup>98</sup>

O povo cantava a uma voz, melodias espontâneas, simples e expressivas. Havia dois grupos que se destacaram: os trovadores, que eram apaixonados pela poesia e música, e usavam esse meio para exprimir seus sentimentos; e os menestréis ou jograis, chamados de cantores ambulantes, contadores de histórias.<sup>99</sup>

Também houve o emprego do teatro com caráter sacro, e sempre acompanhado de música. O caráter sacro era predominante pelo fato de a Igreja usar as artes para consolidar sua obra de conversão. Porém, começou-se a usar o idioma vulgar, e embora o caráter sacro fosse predominante, havia também espetáculos profanos.<sup>100</sup>

---

<sup>95</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>96</sup> Grécia. In: *Enciclopédia Mirador internacional*, v. 10, p. 5475.

<sup>97</sup> WISNIK, J. M. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>98</sup> ALVES, K. C. P.; BELISÁRIO, R.C.M.G. *Diálogos com a História*, p. 28-29.

<sup>99</sup> ALALEONA, D. *História da Música*, p. 75.

<sup>100</sup> *Ibidim*, p. 77.

Desde o começo da Idade Média estava em uso duas espécies de notação musical: a literal e a neumática. A literal já fora usada pelos gregos e nessa época as letras gregas foram substituídas pelas latinas, mas a neumática foi a mais cômoda. Para indicar notas diferentes, passou-se a usar letras (origem das cifras atuais) e também a questão do sustenido, bemol, maior e menor.<sup>101</sup>

A igreja católica romana fez uso do poder da música para levar os crentes a um estado de contrição e muita humildade, apagando os traços individuais e diluindo-os num grupo submisso. O “conteúdo” dessa música era sempre o mesmo: “você é uma criatura ínfima, desamparada e pecadora; identifique-se com os sofrimentos do Cristo e será salvo”.<sup>102</sup>

Um importante nome desta época é Guido d’Arezzo, que foi o músico que “desenvolveu um sistema de notação precisa de alturas, valendo-se (como a pauta moderna) de linhas e espaços representando alturas definidas por letras (claves) e uma técnica de canto à primeira leitura baseada nas sílabas *ut, ré, mi, fá, sol, lá* e na chamada ‘guidoniana’”.<sup>103</sup> Ele foi o principal responsável na transição da *ars antiqua* (expressão que significa “arte antiga” e usada para falar da polifonia do séc XIII), e entre a *ars nova* (arte nova).<sup>104</sup>

### 2.1.3 Idade Moderna

#### 2.1.3.1 Renascença séc XVI

É chamado o período do poderoso movimento artístico e literário que surgiu na Itália nos séc. XV e XVI, contagiando depois a Europa e Alpes, promovendo grande florescimento da arquitetura, escultura, pintura e artes decorativas, da literatura e da música e um novo enfoque da política.<sup>105</sup>

Foi uma violenta libertação das cadeias que prendiam o homem na Idade Média, e que o levou naturalmente a excessos como a busca pela alegria da vida que se tornou desgreamento, liberdade, licença. A vida religiosa sofreu com isso. Houve uma ruptura na Igreja Católica e o principal promotor foi Lutero, que era também músico.<sup>106</sup> Por isso a música acompanhou de

<sup>101</sup> *Ibidim*, p. 64.

<sup>102</sup> FISCHER, E. *A necessidade da arte*, p. 213.

<sup>103</sup> SADIE, S. (Edit). *Op. Cit.*, p. 395.

<sup>104</sup> *Ibidim*, p. 44.

<sup>105</sup> Renascença. In: *Enciclopédia Mirador internacional*, v. 18, p. 9776.

<sup>106</sup> ALALEONA, D. *Op. Cit.*, p. 79-81.

perto essa transformação e veio a ser diferenciada. Lutero passou a usar as músicas na língua do povo, com uma melodia acessível e harmonizada usando o estilo coral.<sup>107</sup>

O panorama musical torna-se mais complexo, pois há um aumento quantitativo da produção musical e um número de compositores maior. Países que antes não se preocupavam com a música, agora entram em cena. Surge uma música instrumental pura e mais diversificada quanto à forma e natureza dos instrumentos,<sup>108</sup> desenvolvem-se muitas técnicas musicais, incluindo as polifonias, não somente de ordem religiosa, mas como forma de expressão do homem.<sup>109</sup>

As formas musicais na renascença são: vilanela ou frótola: polifônica e vocal, estilo popular; intermezzo: representada cenicamente entre atos de outro espetáculo; motete: peça polifônica vocal, em texto latino referente a fatos e feitos religiosos; missa: várias partes em trechos de missa, que são cinco: Kyrie, Glória, Credo, Sanctus e Benedictus, Agnus Dei.<sup>110</sup>

Veio do povo a contribuição mais eficaz, o verdadeiro movimento que fez essa revolução musical.<sup>111</sup> O início da Renascença voltou a atenção para o povo comum. Por volta do século XIX, recitais de orquestras e solistas também aconteciam para a apreciação da classe média. A música folclórica começou a tornar-se uma arte profissional voltada à diversão e entretenimento.<sup>112</sup>

A Igreja Católica dominava o cenário religioso. Detentora do poder espiritual, ela influenciava o modo de pensar, a psicologia e as formas de comportamento na Idade Média. A igreja também tinha grande poder econômico, pois possuía terras em grande quantidade e até mesmo servos trabalhando. O poder dessa instituição religiosa, juntamente com a fé cristã, cresceu e expandiu-se de maneira colossal.<sup>113</sup> Um destaque na música foi o compositor italiano Giovanni Pierluigi da Palestrina. Tornou-se organista e ganhou fama através das suas obras publicadas. Em 1577, foi-lhe pedido que reescrevesse os principais livros de cantochão

<sup>107</sup> WANDERLEY, R. História da Música Sacra, p.7-8.

<sup>108</sup> KIEFER, B. História e Significado das Formas Musicais, p. 111.

<sup>109</sup> CORRÊA, S. R. S. Ouvinte Consciente, p. 83.

<sup>110</sup> *Ibidim*, p. 84-85.

<sup>111</sup> ALALEONA, D. *Op. Cit.*, p. 82.

<sup>112</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>113</sup> MACHADO, F. História geral: Igreja Católica. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/ult1690u20.jhtm>>. Acesso em 22-06-10.

da igreja, seguindo as linhas do Concílio de Trento. Ele, junto com Lassus e Byrd, foram grandes mestres do Renascimento.<sup>114</sup>

### 2.1.3.2 Barroco Séc. XVIII

O período barroco abrange os anos de 1600 a 1750. “O nome ‘barroco’ significa ‘pérola defeituosa’, originou-se na arquitetura e na pintura, com sentido de decadência”.<sup>115</sup> Na música, há muitas divergências de que a música barroca realmente existiu. Houve bastante evolução em todas as partes, principalmente na sacra. O que marcou por volta do ano de 1600 foi o aparecimento da ópera, do oratório, da cantata e da paixão:<sup>116</sup>

No começo da ópera, homens dedicaram-se a estudar literatura, escultura e pensamento antigo, e também ao que havia a respeito da antiga música clássica, a música dos gregos. Foi criado então, o estilo recitativo ou representativo, uma espécie de declamação notada musicalmente (destaque do melodrama).

Já no estilo “oratório”, o melodrama foi colocado num ambiente especial. Eram realizados exercícios espirituais nos quais se introduzia a música. A cantata é paralela ao oratório, composição vocal longa acompanhada de instrumentos, falando sobre assuntos sacros ou profanos.<sup>117</sup> Tem tamanho menor que o oratório.

Do ponto de vista técnico e formal, há uma tendência à homofonia<sup>118</sup> sem fazer desaparecer o contraponto.<sup>119</sup> Os resultados foram: a melodia acompanhada, a declamação musical e a ária. Todos eles se baseavam no princípio do canto de uma melodia que se apoiava num baixo e acompanhado por um instrumento de harmonia: cravo, órgão, harpa ou alaúde.<sup>120</sup> Também as notações que ainda sobrevivem são geralmente incompletas e ambíguas. Isso se deve ao fato de os compositores deixarem aos intérpretes uma margem de improvisação para completar uma linha melódica esboçada.<sup>121</sup> Esses elementos foram usados em todas as formas

<sup>114</sup> SADIE, S. (Edit). *Op. Cit.*, p. 696.

<sup>115</sup> WANDERLEY, R. *Op. Cit.*, p. 12, 16.

<sup>116</sup> Barroco. In: Enciclopédia Mirador Internacional, v. 3, p. 1216.

<sup>117</sup> CORRÊA, S. R. S. *Op. Cit.*, p. 84-85.

<sup>118</sup> Homofonia: “Música executada em uníssono, sem independência melódica ou rítmica e com ou sem acompanhamento orquestral, como certos hinos.” (DOURADO, H. A. Dicionário de expressões da Música, p. 163.)

<sup>119</sup> Contraponto: “combinação de linhas melódicas soando simultaneamente, de acordo com um sistema de regras preestabelecidas. Foi usado também para designar uma voz ou mesmo uma composição inteira.” O primeiro tratado estabeleceu um método de ensino de contraponto através de uma melodia básica e algumas formas de nota contra nota. (DOURADO, H. A. *Op. Cit.*, p. 92.)

<sup>120</sup> WANDERLEY, R. *Op. Cit.*, p. 12, 16.

<sup>121</sup> Barroco. In: Enciclopédia Mirador Internacional, v. 3, p. 1216.

dramáticas, acrescidos do uso de orquestras que, em Aberturas, Interlúdios, etc., enriqueciam os contrastes, e os coros que abriam outras possibilidades expressivas.<sup>122</sup>

Os principais compositores do período foram Johann Sebastian Bach (1685-1750) e George Frederick Handel (1685-1759). Não foram eles os inventores das formas musicais, mas conduziram-nas à sua expressão mais perfeita.<sup>123</sup> Ainda assim, é difícil dizer que a música deles é barroca.<sup>124</sup>

### 2.1.3.3 Classicismo séc. XVII e XVIII

O classicismo muda toda a filosofia da arte musical, visando a perfeição formal e cultivo da música pura, música pela música, onde o conceito de beleza se baseia no jogo dos elementos da melodia, ritmo e harmonia. O termo “clássico” tem o mesmo sentido dos ideais da Grécia antiga: objetividade, clareza da forma e respeito a determinados princípios estruturais. Embora esses ideais já estivessem presentes em períodos anteriores, agora eram mais enfatizados e cuidados.<sup>125</sup> Não era apenas música como linguagem para cantar a religião, o amor, o trabalho, ou qualquer outra coisa.<sup>126</sup>

Houve um período de transição entre o período barroco e o clássico, pois os compositores do barroco já vinham assistindo às primeiras obras clássicas, ou melhor, pré-clássicas. Neste período encontram-se compositores como os filhos de J. S. Bach, educados num ambiente barroco, mas que encontraram novos caminhos e produziram obras que influenciaram a consolidação do classicismo.<sup>127</sup>

O fim do século 18 é a época do despertar das classes populares para o espírito democrático, que resulta na Revolução Francesa e nas outras guerras napoleônicas. Alguns historiadores costumam referir-se dentro do classicismo ao “Rococó”, o que significa na música e nas artes preciosismo e delicadeza. As principais características da música clássica segundo Wanderley, são:

melodia mais clara e, em geral, na voz superior; estilo homofônico predominante, harmonia apoiando a melodia, cadências concisas; frases musicais mais curtas e mais claras; advento da dinâmica moderna: crescendo, decrescendo, etc; instrumentação mais metodizada, mais cuidado

<sup>122</sup> WANDERLEY, R. *Op. Cit.*, p. 12, 16.

<sup>123</sup> *Ibidim*, p. 16.

<sup>124</sup> Barroco. In: Enciclopédia Mirador Internacional, v. 3, p. 1216.

<sup>125</sup> WANDERLEY, R. *Op. Cit.*, p. 21.

<sup>126</sup> CORRÊA, S. R. *Op. Cit.*, p. 85.

<sup>127</sup> WANDERLEY, R. *Op. Cit.*, p. 20.

orquestral, combinações sonoras mais rigorosas, que são as bases da moderna orquestra.<sup>128</sup>

É durante este período que o piano substitui o cravo, fixa-se o quarteto de cordas, a flauta-doce dá lugar à transversal, o violoncelo substitui a viola da gamba, e a clarineta entra definitivamente para orquestra por meio de Mozart.<sup>129</sup>

O desenvolvimento da música clássica se deu por vários compositores, dentre os quais se destacam os austríacos Haydn (1732-1809) e Mozart (1756-1791), os quais também foram os últimos. Levaram o espírito clássico à suas últimas conseqüências. Franz Joseph Haydn iniciou sua carreira musical aos 8 anos. A partir de 1781 passou a ter estreita amizade com Wolfgang Amadeus Mozart, da qual ambos tiraram muito proveito e com certeza houve influência nas composições.<sup>130</sup>

#### 2.1.3.4 Romantismo séc XIX

É um período em que a arte se abandona aos seus sentimentos e isso é evidenciado no caráter de sua vida interior, na variabilidade, mobilidade, instabilidade de suas formas de expressão. A linguagem é confusa, sem ordem nem medida; passa de muito entusiasmo a profundas amarguras.<sup>131</sup> Não produziu nas artes, um estilo uniforme, mas expressou, no norte da Europa e na França, um movimento que contrariava o neoclassicismo acadêmico, proveniente de Jacques-Louis David. Característico do séc XIX, o movimento é uma reação contra o racionalismo e o Classicismo, opondo-se com o individualismo e o subjetivismo. Para se expressar, o artista precisava de novas formas, construídas em novas bases tonais, harmônicas e instrumentais. Cada obra desse período torna-se única e singular, enquanto que o clássico escrevia obras semelhantes.<sup>132</sup>

Beethoven é considerado a “ponte” entre o Classicismo e o Romantismo porque universaliza os sentimentos de que a música se nutre. Ele faz o elo entre ambos, conferindo solidez e unidade às estruturas musicais clássicas.

O subjetivismo está em alta, pois quanto mais se fala de drama pessoal, mais se avança na descoberta de novos elementos de um tecido harmônico musical. A música afirmava também particularidades geográficas e étnicas. Essa evolução é mais evidente na ópera, que é um

<sup>128</sup> *Ibidim*, p. 22.

<sup>129</sup> *Ibidim*, p. 22.

<sup>130</sup> *Ibidim*, p. 28.

<sup>131</sup> ALALEONA, D. *Op. Cit.*, p. 130.

<sup>132</sup> Romantismo. In: *Enciclopédia Mirador internacional*, v.18, p. 10046.

enredo que une sentimento e mistério, e cujo fundador é o alemão Carl Maria Von Weber. Após Weber surgiu Wagner que tentou reformar a ópera através do drama musical, união da música, poesia, arte cênica e filosofia.<sup>133</sup> Verdi por sua vez, baseou-se na arte vocal e sua preeminência é sobre o elemento sinfônico.

Paralelo à ópera, os compositores descobriram a música programática, onde a música está subordinada à trama literária, ou aos sentimentos do compositor diante dos espetáculos da vida. Nesse estilo o principal destaque é Berlioz, embora haja descrições de cenas desde Vivaldi (“As Quatro Estações”, por exemplo).<sup>134</sup>

O movimento aproveitou os aperfeiçoamentos introduzidos na fabricação dos instrumentos para explorar e enriquecer os timbres das orquestras, aumentada por flautim, contrafagote e instrumentos de percussão. Também nesta época, o atual piano recebeu a afinação e extensão definitivas. Outros nomes de destaque dessa época foram: Felix Mendelssohn, Franz Schubert, Robert Schumann, Johannes Brahms.<sup>135</sup>

O espírito desse período é o que mais tem permanecido, com seu individualismo, nacionalismo, supervalorização das emoções, atenção à dor, alegrias, etc. são coisas que permaneceram evidentes durante grande parte do século XX.<sup>136</sup>

## **2.2 A cultura Contemporânea**

### **2.2.1 Mudanças sociais e científicas**

Principalmente durante os séculos XIX e XX, aconteceram transformações muito aceleradas na ciência e cultura.<sup>137</sup> Neste último, aconteceram duas guerras mundiais, a divisão do mundo em capitalista e socialista, produzindo também instabilidade e medo. Levantaram-se movimentos em prol dos direitos das raças e das mulheres. O petróleo foi supervalorizado tornando-se o “ouro negro”, novos remédios surgiram, os quais foram testados diretamente em humanos, teve início a exploração espacial e o surgimento dos “baby boomers”

---

<sup>133</sup> Romantismo. In: *Enciclopédia Mirador internacional*, v.18, p. 10046.

<sup>134</sup> *Ibidim*, v. 18, p. 10046.

<sup>135</sup> *Ibidim*, v. 18, p. 10046.

<sup>136</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>137</sup> *Ibidim*, p. 26.

(americanos nascidos no pós-guerra infiltrados no mundo e pensando possuírem “super poderes”. Uma geração insatisfeita e muito exigente principalmente em relação à música).<sup>138</sup>

Nesse tempo surgem novos meios de comunicação, entre os quais está o rádio. Com ele não se precisava mais sair de casa para ouvir as coisas. Ele fez com que a música invadisse as casas e o toca-discos contribuiu para uma escolha mais específica. Muitos estilos novos surgiram e também se expandiram entre os quais estão os estilos: *negro-spirituals*, baladas, *rock*, *souls*, românticos, marciais, *country* e *jazz*.<sup>139</sup>

Em muitas dessas mudanças a música foi o *slogan* e figura marcante para as futuras gerações. Ela foi usada como fator de entretenimento e estímulo para os soldados em batalhas, e está presente nos cultos e também em movimentos revolucionários.<sup>140</sup> “No modelo pós-industrial de produção, que privilegia serviços e informação sobre a produção material, a Comunicação e a Indústria Cultural ganham papéis fundamentais na difusão de valores e idéias do novo sistema”.<sup>141</sup>

As grandes ondas de mudança moral e política que varreram o mundo ocidental desde o início da década de 1960 começaram com o aparecimento de uma subcultura e de um estilo de vida novos entre os jovens – inspirados decididamente pelas novas formas de música popular surgidas na ocasião. A música veio primeiro, depois a mudança na cultura. Exemplo disso são o Egito e Grécia, onde, quando houve declínio na música, seguiu-se um declínio nas civilizações.<sup>142</sup> Isto prova o quanto é forte a influência da música no ser humano, inclusive na cultura da qual ele faz parte.

O grande desenvolvimento tecnológico contribuiu muito para o aperfeiçoamento dos sons musicais, e por causa dele pode-se ter um som puro e saudável através do rádio, cinema, televisão, etc. Muitos instrumentos surgiram através da invenção da válvula eletrônica.<sup>143</sup> Por volta de 1990, a invenção dos *Compact Discs* (CD), ofereceu maior capacidade, durabilidade e clareza sonora, sem chiados, fazendo os discos de vinil serem considerados coisa do passado.<sup>144</sup> O computador evoluiu em sua capacidade de armazenamento de informações, que

<sup>138</sup> KRÜGER, H. W. *Música na Igreja*. Aula ministrada em 21-05-2010 na Faculdade Batista Pioneira.

<sup>139</sup> *Ibidim*.

<sup>140</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 26.

<sup>141</sup> Pós-modernidade – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>>. Acesso em 03-05-10.

<sup>142</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 26.

<sup>143</sup> CORRÊA, S. R. *Op. Cit.*, p. 102.

<sup>144</sup> Compact disc. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Compact\\_Disc](http://pt.wikipedia.org/wiki/Compact_Disc)>. Acesso em 22-06-10.

é cada vez maior, o que possibilita a todos um acesso cada vez maior à informação e qualidade. As informações contidas em computadores de todo mundo, possibilitam aos usuários um acesso a novos mundos, novas culturas, sem a locomoção física.<sup>145</sup>

No fim do século XX a “música popular” é uma característica da maioria do mundo ocidental, e está obcecada pelo industrialismo e materialismo. A arte foi removida do centro da vida da maioria das pessoas e tornou-se um apêndice. Ao invés de integrar a música à vida, ela é adorada. Ao mesmo tempo a eletrônica permite ao indivíduo e a sociedade estar rodeado de música o tempo todo.<sup>146</sup>

### 2.2.2 Movimentos Populares

Os compositores da era atual, para novas experiências, fazem novos experimentos explorando efeitos sonoros como estrondos, clamores, murmúrios, ruídos, etc. O ritmo é uma explosão externa de uma vivência interior. São usadas várias tonalidades. Nos dias de hoje existem três experiências bem interessantes e que expressam a ansiedade do músico ou compositor.<sup>147</sup>

Os primeiros ritmos populares de grande repercussão foram: as baladas, as valsas, os shotts, as polcas, etc. Foi nos EUA que a música popular alcançou maior êxito devido a sua influência em outros povos. As primeiras canções populares foram os salmos e hinos vindos da Inglaterra antes da Revolução (séc. XVIII). Com a revolução, passou-se a compor canções de guerra, sendo assim canções políticas, originando as baladas nacionais da América. Outros gêneros passaram a fazer parte como as canções de vendedores ambulantes que eram populares e falavam do dia a dia.<sup>148</sup>

#### 2.2.2.1 Música dos negros

Os negros foram os criadores dos *spirituals* (música espiritual dos negros, cuja origem se deu quando missionários brancos evangelizavam os escravos negros vindos das costas da África Ocidental, e quiseram ensinar-lhes cânticos de origem européia. Os negros cantavam essas melodias de forma tão diferente da dos brancos que fizeram com os mesmos temas uma música totalmente diferente); do *Blues* (retrata o sofrimento dos negros, um grito de revolta arrancado à alma negra, a princípio por causa da escravatura, depois pela opressão que continuou a pesar sobre a raça após a abolição da escravatura [1865]); do *Jazz* – do qual

<sup>145</sup> Computador. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Computador>>. Acesso em 22-06-10.

<sup>146</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>147</sup> PERRUCCI, G. *Música sempre música*, p. 76.

<sup>148</sup> CORRÊA, S. R. S. *Op. Cit.*, p. 89-99.

procede o *rock and roll* (como a música dos negros foi primeiramente vocal, pois as aldeias e cidades não ofereciam recursos para a música instrumental, o *jazz* só pode ter nascido em cidade grande. É a música orquestral nascida da adaptação da música puramente vocal e rítmica dos negros ao domínio instrumental. O berço foi Nova Orleães. A música foi sendo adaptada e surgiu mais tarde o *swing* que é a pulsação rítmica onde se acentua os tempos fracos).

#### 2.2.2.2 *Rock and roll*

O rock surgiu após um período de decadência do *jazz*. *Rock* significa pedra e *Roll* quer dizer rola; assim *Rock and Roll* significa “pedra que rola”, ou seja, “ir no balanço”. Logo começou-se uma grande comercialização. Os principais nomes que se destacam são Elvis Presley, Bill Halley e Beatles, que mantinham sons duros e atuações desenfreadas e potentes.<sup>149</sup> O *rock* e o *pop*, junto com os meios de comunicação visual, substituíram a comunicação falada como principal meio de comunicação. Para a maioria das pessoas com menos de 45 anos, esse tipo de música faz parte de sua vida.<sup>150</sup>

#### 2.2.2.3 *Pop*

Na década de 70 surge a música *pop* que é uma abreviatura de popular e também significa “estalar”. No início era agressiva e realista, destacando o cotidiano do povo americano, a rua, a fábrica, as prateleiras dos supermercados, anúncios, etc. Era uma forma de agredir o público, mostrando a realidade diária, triste e cruel. Parecido com o que ocorreu com o *rock in roll*, logo iniciou-se um processo de comercialização, onde a música é arrancada do seu campo de referência social, com o fim de reduzi-la às exigências do mercado, ao mecanismo de compra e venda.<sup>151</sup>

### 2.2.3 O século XXI – Desestruturação / dúvidas

A pós-modernidade, que é a condição sócio-cultural e estética que prevalece no capitalismo contemporâneo depois da queda do muro de Berlim e as crises de ideologias dominantes no século XX,<sup>152</sup> nega o interesse pelo futuro e procura a sensibilidade ao invés da

<sup>149</sup> *Ibidim*, p.89-99.

<sup>150</sup> DOUGLAS, K. *Celebrando o amor de Deus*, p. 47.

<sup>151</sup> CORRÊA, S. R. S. *Op. Cit.*, p.100.

<sup>152</sup> Pós-modernidade – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>>. Acesso em 22-06-10.

racionalidade.<sup>153</sup> Aceita todos os estilos e estéticas, pretendendo a inclusão de todas as culturas olhando-as como mercados consumidores.<sup>154</sup> Isso se dá também no campo artístico.

Há uma "Crise da Representação" nas artes e linguagens no contexto pós-moderno, é um fenômeno diretamente ligado à destruição dos referenciais que vinham norteando o pensamento até bem recentemente. Tudo vale. Não há mais padrões limitados para representar a realidade. Os artistas até têm maiores possibilidades de se comunicar, mas a quantidade incalculável de tendências e linguagens torna impossível alguma unicidade formal.<sup>155</sup> Essa crise pode ser comparada a um caleidoscópio, que é um aparelho óptico formado por um tubo de cartão ou metal, com fragmentos de vidro colorido, e, ao reflexo da luz exterior em espelhos inclinados, formam a cada movimento novas combinações.<sup>156</sup> Como um caleidoscópio muda sua imagem a cada movimento, a música muda, sem saber o que acontecerá em seguida. Este é o modelo pós-moderno de vida. Todo fragmentado e sem objetivo. Qualquer coisa é boa.

Roseana Yampolschi, pós-graduada em música pela Universidade Federal do Paraná, cita uma entrevista feita pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em abril de 2005, aos compositores brasileiros Almeida Prado e Willy Correa de Oliveira, os quais se referiram à atualidade da cultura pós-moderna como uma “*estética de multiplicidade*” e “*uma química de linguagens múltiplas*”. O compositor Marlos Nobre expressou-se com a frase “*mistura de tudo*”. Nesse caso, o conceito de intertextualidade abrangendo os valores de inclusão, pluralidade, diversidade e tolerância, “parece apontar para uma nova sensibilidade estética na música pós-moderna.”<sup>157</sup>

A desordem é fértil no campo artístico. Ela propicia multiplicidade nas expressões artísticas através de infinitas técnicas sobre os mais variados materiais e suportes como pintura, escultura, desenho, cinema, artes gráficas, arte corporal, vídeo e música, isto é, infinitudes de possibilidades construtivas na materialização de um sentido que procura impactar o público. É

<sup>153</sup> A pós-modernidade: consequência da revolução gnóstica e igualitária. Disponível em:

<<http://www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html>>. Acesso em 29-04-10.

<sup>154</sup> Pós-modernidade – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>>. Acesso em 03-05-10.

<sup>155</sup> *Ibidim*.

<sup>156</sup> Caleidoscópio – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caleidosc%C3%B3pio>>. Acesso em 26-05-2010.

<sup>157</sup> YAMPOLSKI, R. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música.

Disponível em:

<[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2006/CDROM/COM/04\\_Com\\_Musicologia/sessao\\_05/04COM\\_MusHist\\_0503-184.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/04_Com_Musicologia/sessao_05/04COM_MusHist_0503-184.pdf)>. Acesso em 03-05-10.

um movimento que não finda e que vive em constante reorganização.<sup>158</sup> Busca-se a experimentação como característica por excelência,<sup>159</sup> procura-se manifestar sentimentos emotivos numa sociedade acusada de ser fria, calculista, apressada e ambiciosa.<sup>160</sup>

Desde a década de 90, entende-se que a música pós-moderna vem sendo aos poucos absorvida como uma manifestação cultural de uma era econômica pós-industrial. A música oferece uma intertextualidade, ou seja, uma pluralidade de conteúdos, gerada a partir do uso de técnicas e estilos do passado ou do uso de recortes sonoros referenciais.<sup>161</sup> A música oferece uma intertextualidade, ou seja, uma variedade de conteúdos, baseada a partir de técnicas e estilos do passado, em que se pega de tudo um pouco, ou é feita uma junção de recortes de sons atuais.

---

<sup>158</sup>LEITE, L. A. A problemática do pós-moderno no campo artístico.

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/posmoderno.html>>. Acesso em 03-05-10.

<sup>159</sup>PERRUCI, G. *Op. Cit.*, p. 77.

<sup>160</sup>LEITE, L. A. A problemática do pós-moderno no campo artístico.

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/posmoderno.html>>. Acesso em 03-05-10.

<sup>161</sup>YAMPOLSKI, R. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música.

Disponível em:

<[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2006/CDROM/COM/04\\_Com\\_Musicologia/sessao\\_05/04COM\\_MusHist\\_0503-184.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/04_Com_Musicologia/sessao_05/04COM_MusHist_0503-184.pdf)>. Acesso em 03-05-10.

*É provável que não exista nenhuma outra atividade cultural humana que seja tão generalizada e que afete, modele e determine tanto o comportamento humano.*

*(Apud W. M. Stefani)*

### III – INFLUÊNCIA COMPORTAMENTAL

Um eminente antropólogo cultural contemporâneo, estudante da música dos diversos povos ao redor do mundo, escreveu: “É provável que não exista nenhuma outra atividade cultural humana que seja tão generalizada e que afete, modele e determine tanto o comportamento humano”.<sup>162</sup> Segundo o conhecimento científico e com os elementos que ela possui, sabe-se que a música em si não é mística nem sobrenatural, como se acreditava, mas é misteriosa.<sup>163</sup>

A música pode ajudar no desenvolvimento de aptidões que permanecerão a vida toda, pois estimula regiões cerebrais favorecendo a concepção do gosto artístico, cálculos e linguagem. Para tocar algum instrumento exige-se as mesmas habilidades que aquelas usadas em matemática e ciências. Torna-se uma vivência, pois é preciso ouvir, tocar e sentir, o que impulsiona a criatividade de pensar. Quando a música é bem orientada, ela ajuda a fortalecer o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, e quanto mais cedo for iniciada na vida de uma pessoa, principalmente em crianças, maiores serão os benefícios.<sup>164</sup>

#### 3.1 Corpo humano (físico)

O sistema auditivo e nervoso humano está muito sincronizado com a música e isso pode ser percebido pela sua grande memória musical. O que se ouve nos primeiros anos de vida, pode ficar gravado na mente para sempre.<sup>165</sup> É difícil encontrar um único órgão do corpo que não sofra a influência dos tons musicais. Estudos comprovam que a música interfere na digestão, nas secreções internas, na circulação, na nutrição e, principalmente na respiração. Ela influi fortemente nas redes nervosas do cérebro.<sup>166</sup>

Este fato pode ser notado num desfile ou parada. Os estados de ânimo alteram-se de acordo com a melodia que as bandas tocam. O corpo oscila ou pulsa ritmicamente de acordo com a música.<sup>167</sup> Ela acelera ou retarda, regula ou desregula as batidas do coração, relaxa ou irrita os nervos, influi na pressão sanguínea e no ritmo da respiração.<sup>168</sup> Porém, para pessoas com doenças neurológicas, ela é muito mais poderosa por ter um potencial terapêutico. Segundo

---

<sup>162</sup> STEFANI, W. M. Mas não é apenas música? *Louvor*, n. 106, p. 24.

<sup>163</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p.41.

<sup>164</sup> SCHEIBNER, J. *A influência da Música na qualidade de vida*, p. 18-19.

<sup>165</sup> SACKS, O. *Op. Cit.*, p. 12.

<sup>166</sup> HALPERN, S. Relax pelo som. *O poder da música*, p. 57-58.

<sup>167</sup> LAHAYE, T. *Como vencer a depressão*, p. 178.

<sup>168</sup> BEZERRA, R. *A influência da música*. Disponível em:

<[http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia\\_musica.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia_musica.htm)>. Acesso em 18-02-2010

William James, citado por Oliver Sacks, essas pessoas podem “responder intensamente e de maneira específica à música (e, às vezes, a mais nada)”.<sup>169</sup>

Na música existe também o que os cientistas chamam de “arrastamento”, que é a combinação de fase mútua de dois osciladores. Um oscilador é um objeto que pulsa ou vibra regularmente, cujo poder pode alterar o ambiente, que pode ser o tecido do corpo humano, o coração, um lago, o ar, etc. Sempre que há osciladores num mesmo campo e com ritmos parecidos, eles tendem a alterar seus pulsos para entrar num ritmo único. Isso acontece em todos os níveis do corpo. Considerando o corpo como um bio-ressonador (realidade vibratória natural que acontece em nível molecular, celular e atômico), há relaxamento quando as ações estão em conformidade com o ritmo e feitas sem esforço aparente.<sup>170</sup> Entretanto, como também tem os osciladores, está-se sujeito ao arrastamento em relação ao mundo exterior, e de certo modo, o corpo deixa de se sintonizar consigo mesmo. Para a maioria das pessoas, o ruído causa estresse e desconforto e até doença.<sup>171</sup>

Baseado em Borchgrevink, José da Silva Júnior diz que não existe um hemisfério para o processamento da música. Com a análise de um padrão durante certo tempo, a seqüência e aspectos rítmicos estão localizados no lado esquerdo, enquanto a harmonia, análise de padrão num momento e aspectos simultâneos da música estão localizados no lado direito. Ao utilizar os dois lados, a música ajuda na plasticidade cerebral,<sup>172</sup> que, segundo Daniela, “é a propriedade do sistema nervoso que permite o desenvolvimento de alterações estruturais em resposta à experiência, e como adaptação a condições mutantes e a estímulos repetidos”.<sup>173</sup> As pessoas predispostas, após períodos mais longos expostas à música, tem sua atenção aumentada mais do que a que é provocada por certas drogas.<sup>174</sup>

Juliana Scheibner, baseada em Leinig, o qual escreveu “Tratado de Musicoterapia” escreve:

O cérebro é o órgão do corpo humano que tem maior pressão sanguínea. “Em 100 grs de cérebro passam de 100 a 400 cc. de sangue por minuto.” Esses dados são obtidos através de aparelhos especiais, que permitem uma melhor visualização das artérias cerebrais. Quanto maior for a intensidade de uma determinada atividade, maior será a circulação cerebral. A música pode provocar um estado de tensão psicológica que conseqüentemente provoca

<sup>169</sup> SACKS, O. *Op. Cit.*, p. 12.

<sup>170</sup> HALPERN, S. *Op. Cit.*, p. 57-58.

<sup>171</sup> *Ibidim*, p. 58-59.

<sup>172</sup> JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n. 121, p. 22.

<sup>173</sup> AGONILHA, D. C. O que é plasticidade cerebral? Disponível em: <<http://www.profala.com/artneuro1.htm>>. Acesso em 11-05-2010.

<sup>174</sup> JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n. 121, p. 22.

vaso-dilatação intracraniana, surgindo assim uma constrição circulatória periférica. Esse aumento relativo de sangue no cérebro explica porque, certos tipos de trabalhos são realizados com mais facilidade e agilidade quando o indivíduo está ouvindo música.<sup>175</sup>

Para Ian Cross, diretor do Centro de Música e Ciência da Universidade de Cambridge, “a música também é capaz de ativar capacidades como a memória e talvez até a inteligência”.<sup>176</sup>

O que parece fazer mais sentido é quanto a possíveis benefícios relacionados ao aprendizado de música, que induz ao prolongamento dos neurônios e aumento das conexões entre eles. Os cérebros dos músicos, inclusive, acabam apresentando uma massa maior de neurônios, o que sugere maior inteligência.<sup>177</sup>

Crianças musicalizadas desde os primeiros anos de vida desenvolvem a inteligência analítica melhor. Bebês colocados em contato com boa música crescem mais tranquilos e independentes, com desenvolvimento motor mais acelerado. Segundo pesquisadores ainda, acordes consonantes e dissonantes, intervalos diferentes e outras características influenciam efeito sobre o pulso, respiração, alteração na pressão. Ela também possui poder sobre os músculos do esqueleto.

Quando a melodia é triste e o seu ritmo é lento, e em tom menor, a música diminui a capacidade de trabalho muscular a ponto de interrompê-lo por completo. Por outro lado, escalas em tom maior, motivos e simples seqüências tonais exercem um efeito energizante sobre os músculos. A energia muscular aumenta com a intensidade, a altura e o andamento dos estímulos sonoros (estudo feito pelo Dr. Tarchanoff).<sup>178</sup>

O musicólogo José Wisnik afirma que “existe nela uma gesticulação fantasmática, que está como que modelando objetos interiores”.<sup>179</sup> Ela afeta o corpo de duas maneiras: diretamente sobre as células e os órgãos, e indiretamente, influenciando processos corporais. Segundo Julius Portnoy, ela pode modificar o metabolismo e a energia muscular com maior sucesso e de forma mais agradável do que quaisquer outros estimulantes para os mesmos fins.<sup>180</sup> Pelo fato da música ser física, suas vibrações tem grande poder, até de despedaçar um vidro. Ela provoca ressonâncias em objetos à distância. Sons de máquinas podem causar náuseas ou

<sup>175</sup> SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>176</sup> Para que serve a música? Super interessante, ed. 203, p. 78-79.

<sup>177</sup> *Ibidim*, p. 79.

<sup>178</sup> DUARTE, J. G. H. A música e sua influência na qualidade de vida. Louvor, n. 92, p. 24-25.

<sup>179</sup> WISNIK, José Miguel. O som e o Sentido. p. 30

<sup>180</sup> DUARTE, J. G. H. *Op. Cit.*, p. 25.

dores de cabeça. Vibrações subsônicas que antecedem os terremotos podem provocar mal estar no homem.<sup>181</sup>

A música nunca foi tão facilmente acessível, porém nunca seus efeitos benéficos estiveram tanto em declínio. Em todos os lugares ela está presente e mesmo que maior parte dela não seja “ouvida”, ou apenas música de fundo sem tomada de consciência, afeta da mesma maneira o ritmo cardíaco e as emoções.<sup>182</sup> Chagas e Pedro, citando Barcellos, entendem que as “intervenções rítmicas possibilitam modificações corporais”.<sup>183</sup>

Na psicologia e psiquiatria também é usada a musicoterapia, que é uma aplicação científica da música com objetivos terapêuticos voltados para a prevenção e restauração da saúde física, mental e psíquica, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da pessoa, através de um musicoterapeuta, o qual precisa de amplos conhecimentos musicais e científicos.<sup>184</sup>

A música pode trazer alívio temporário para problemas da vida, mas isso não significa que ela em si seja terapêutica. Isto somente acontece quando se segue alguns caminhos estabelecidos pela terapia musical.<sup>185</sup> Se usada adequadamente pode facilitar a cura de várias doenças. Em vários hospitais tem-se usado a música com esses fins. Em Los Angeles, alguns médicos até receitam certas músicas em lugar de analgésicos e tranqüilizantes, pois ela alivia o estresse, alivia a dor, facilita o trabalho de parto, acelera a recuperação de vítimas de derrame cerebral e ajuda a diminuir a dor crônica em casos de câncer.<sup>186</sup>

Há pacientes com mal de Parkinson ou Alzheimer e vítimas de derrame que só melhoram ouvindo música. Histórias desse gênero são relatadas pelo neurologista Oliver Sacks. A música acalma os sintomas. Infelizmente, o remédio é temporário, proporcionando certo equilíbrio momentâneo para o cérebro do doente. O pianista Robert Jourdain afirma que “a música vence os sintomas ao transportar o cérebro para um nível de integração acima do normal”. Quando a música bem escrita envolve, tem-se entendimentos que superam os da existência, “e quando o som para, voltamos para nossas cadeiras de rodas mentais”.<sup>187</sup>

Eneida Ribeiro afirma que

---

<sup>181</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 26.

<sup>182</sup> *Ibidim*, p. 28.

<sup>183</sup> *Apud* CHAGAS, M. & PEDRO, R. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>184</sup> JÚNIOR, J. D. S. Conhecendo a musicoterapia. *Louvor*, v.1, n. 122, p. 17.

<sup>185</sup> RUUD, E.; WROBEL, V. B. *Caminhos da Musicoterapia*, p. 19.

<sup>186</sup> DUARTE, J. G. H. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>187</sup> Para que serve a música? *Super interessante*, ed.203, p. 79.

um portador de deficiência auditiva é capaz de sentir a música (principalmente a questão do ritmo), a medida que essa percepção for trabalhada. Isso acontece porque do sentir – sendo o som um fenômeno físico (existe som quando um corpo vibra no ar), o efeito físico da vibração sonora se faz sentir através de nossa caixa óssea, permitindo assim percebermos quando existe ou não um som no ar. Assim também acontece com os deficientes auditivos, quando trabalhados no sentido de sentirem as vibrações ao seu redor.<sup>188</sup>

Nadyege Macário deu aula de piano à uma menina portadora de deficiência auditiva de 8 anos. Ela podia sentir as vibrações através de suas mãos, pois toda comunicação se faz através do ritmo, som e expressão corporal.<sup>189</sup> Auxilia também na maturação intelectual do indivíduo, pois a percepção precisa de um mínimo de inteligência.<sup>190</sup>

Há quem diga que a música é determinante para a escolha de parceiros sexuais, uma vez que as fêmeas seriam atraídas pelos melhores cantores, pois o homem que canta bem expõe melhor seus sentimentos, parece mais sensível e inteligente e isso agrada as mulheres.<sup>191</sup> A música assumiu um papel onde a fala não dá conta: transmitir emoções. Isso pode ser notado independente das preferências pessoais de cada um.<sup>192</sup> Ela cria ambientes de humor aos quais se reage no inconsciente e não verbalmente. O som é captado pelo ouvido, convertido em impulsos que percorrem os nervos auditivos até o tálamo, centro das emoções, sensações e sentimentos.<sup>193</sup> Essa emoção é resultado de uma excitação *fisiológica* e/ou *psicológica*.<sup>194</sup> Possivelmente a música gera prazer porque ativa grande parte de segmentos da memória. O estímulo acontece no âmbito do *cérebro-racional* neocórtex), no *cérebro-emocional*, e no *cérebro-sentimental* (sistema límbico).<sup>195</sup>

Uma pesquisa foi feita pelo psicólogo John Sloboda, da Universidade de Keele, na Inglaterra. Ele colocou 83 voluntários para ouvir uma série de peças musicais e depois pediu para que descrevessem a sensação. Cerca de 90% escreveram que sentiram um “frio na barriga” e “nó na garganta”. Assim, dependendo da combinação dos tons, a música faz a pessoa sentir as mais diversas sensações. Quanto mais dissonantes os intervalos musicais, maior a sensação de tensão e medo.<sup>196</sup> Porém, como o significado da música será dado pelo ouvinte, no momento

<sup>188</sup> RIBEIRO, E. S. Inclusão no Corpo de Cristo. *Louvor*, n. 92, p. 21.

<sup>189</sup> *Ibidim*, p. 21.

<sup>190</sup> SEKEFF, M. L. *Da Música: seus usos e recursos*, p. 82.

<sup>191</sup> Para que serve a música? *Super interessante*, ed. 203, p. 76.

<sup>192</sup> *Ibidim*, p. 78-79.

<sup>193</sup> JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n.121, p. 22.

<sup>194</sup> SEKEFF, M. L. *Op. Cit.*, p. 79.

<sup>195</sup> JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n.121, p. 22.

<sup>196</sup> Para que serve a música? *Super interessante*, ed. 203, p. 78-79.

da escuta, não se pode dizer categoricamente que uma música é triste ou alegre generalizando isso para todas as pessoas.<sup>197</sup> O impacto da música não tem os mesmos efeitos em todas as pessoas, pois é algo emocional e muito pessoal,<sup>198</sup> porém, há algumas músicas que conseguem comunicar a mesma mensagem em praticamente qualquer cultura, o que será abordado mais pra frente.

De fato, a maioria das pessoas desconhece esse poder que a música tem sobre o corpo humano, talvez porque ela seja tão acessível e ao mesmo tempo se dê pouco valor a ela. A música afeta diretamente o cérebro, e já que ele é o comando de todas as outras partes do corpo, todas elas sofrem influência. Percebe-se que de fato a música pode ser uma grande ajuda nos estudos e desenvolvimento da inteligência, e outras áreas da vida. Embora a influência seja universal, nem todas as pessoas percebem a música da mesma maneira ou tem a mesma facilidade de senti-la, dependendo do contexto em que elas se desenvolveram. Umas sofrem mais sua influência e outros menos.

## 3.2 A música como reflexo da sociedade

### 3.2.1 Música e cultura

José Júnior fala sobre 10 funções sociais da música estudadas por Merriam:

1) função de expressão emocional; 2) função de prazer estético; 3) função de divertimento; 4) função de comunicação; 5) função de representação simbólica; 6) função de reação física; 7) função de impor conformidade às normas sociais; 8) função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos; 9) função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; 10) função de contribuição para a integração da sociedade.<sup>199</sup>

A sensibilidade, a beleza e a criação da beleza são características únicas do homem, e quando isso falta, ele se torna deficiente. O emprego da música com o propósito de alcançar e conservar a saúde, a felicidade e o conforto do homem é universal, e essa necessidade é um componente fisiológico do bem-estar do homem.<sup>200</sup> Ela permite à pessoa uma saída emocional que integra seu corpo, mente e emoções.<sup>201</sup> Todos tem gostos diferentes e a música reflete o

<sup>197</sup> JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n.121, p. 22.

<sup>198</sup> SPANN, F. A música e a Evangelização. *Louvor*, v.1, p. 4.

<sup>199</sup> *Apud* JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n. 121, p. 23.

<sup>200</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p. 43.

<sup>201</sup> SEKEFF, M. L. *Op. Cit.*, p. 81.

pensamento da pessoa.<sup>202</sup> A música é o elemento que melhor mostra a digital da cultura à qual pertence.<sup>203</sup>

A música tem significado como *prazer* em muitas culturas, mas o mais importante é que ela é o apoio do sistema de valores da sociedade. Ela é usada para acompanhar as atividades da sociedade reforçando assim seus ideais, sejam eles políticos, sociais ou religiosos. Vários estilos musicais marcam a identidade de diferentes grupos etários. Em todas as atividades importantes é usada a música para *acrescentar significado* à atividade.<sup>204</sup>

Pelo fato da música estar associada à identidade de um grupo em particular e sua vida comunitária, existem lacunas de comunicação entre várias culturas e sub-culturas. Um exemplo disso existe na sociedade ocidental. Os freqüentadores de concertos sinfônicos e ópera geralmente só sabem zombar dos roqueiros ou sertanejos. Dentro da própria cultura há uma lacuna tão grande como se fosse outra cultura. Além disso, as linguagens musicais e seus significados estão em constante alteração, e logo o que era novidade já é ultrapassado.<sup>205</sup>

As formas e modos de expressão musicais não podem ser explicados apenas pelo aparecimento de novos instrumentos e habilidades técnicas, mas sim com o conteúdo que um compositor quer transmitir. A experiência dele nunca é puramente musical, mas pessoal e social, ou seja, é condicionada pelo período histórico em que vive. Por isso, a forma musical e seu conteúdo correspondem a uma situação social determinada.<sup>206</sup> Por exemplo, vê-se que o samba é característica principal dos morros cariocas. Embora hoje esse ritmo já esteja mais difundido, quando se ouve esse estilo logo se associa àqueles que vivem no morro, pois é a expressão deles.

A música brota de uma intensa experiência da realidade como também é construída através da objetividade,<sup>207</sup> ou seja, a música depende do ambiente e valores que a pessoa possui. Porém, muito pouco se reflete hoje sobre a função da música na sociedade, vendo-a como algo apenas periférico. Muitas culturas passadas estavam cientes desse poder, principalmente na era pré-cristã,<sup>208</sup> conforme visto no capítulo dois.

---

<sup>202</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 4.

<sup>203</sup> LIEPKAN, D. Etnomusicologia e a adoração culturalmente relevante. *Louvor*, n. 94, p. 27.

<sup>204</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 25, 26.

<sup>205</sup> *Ibidim*, p. 27-28.

<sup>206</sup> FISCHER, E. *Op. Cit.*, p. 206-207.

<sup>207</sup> *Ibidim*, p. 14.

<sup>208</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 14.

Cada cultura ou grupo étnico cria sua própria linguagem e assim também desenvolve sua própria música, e cada pessoa dentro do grupo deve aprender a música de sua cultura. Isso faz com que a música de outra cultura se torne muitas vezes incompreensiva, mesmo sendo uma ótima música.<sup>209</sup> A música é vinculada com as experiências que cercam as pessoas, e é uma forma de coesão, de união social. Ela traz um sentimento de “pertencer” a um grupo, aliviando o sentimento de solidão sentindo-se perto do outro.<sup>210</sup>

A música é modelada pela cultura, mas por sua vez, influencia a cultura a qual faz parte. O comportamento humano, estruturado, sempre segue um ritmo, às vezes tem melodia e ritmo. Deve estar de acordo com os membros de sua sociedade. Um dos aspectos típicos de quem sofre desordens de conduta é justamente a ausência de interação e conduta sociais adequadas. A música por sua natureza exerce uma influência benéfica que permite desenvolver diretrizes de conduta mais normais.<sup>211</sup>

Há a hipótese de que essa sensibilidade seja condicionada por práticas culturais, onde o compositor responde às suas experiências do presente e da vida no mundo. Há uma série de mudanças na forma de ver e lidar com o mundo e essa forma está imbutida na estrutura social do capitalismo. Alguns aspectos são: 1- perda de experiências práticas e abstratas que são acompanhadas por uma interpretação e síntese de elementos, como memórias, percepções e estados de imaginação da mente; 2- há muita facilidade na distribuição de mercadorias em todas as partes, o que facilita ao capitalismo a exploração de pequenas diferenças regionais através de imagens de mercadorias; 3- perda de identidade – individual, política, institucional, etc. – que está subordinado a um acúmulo de imagens de prestígio (riqueza, posição, fama).<sup>212</sup>

É o indivíduo pós-moderno, símbolo maior e centro da decadência de valores humanos, que será atingido e tematizado pela arte contemporânea. A arte atual, ao criticar a tecno-ciência aliada ao poder político e econômico, desconstrói o mundo para revelar o que está por trás do sistema, buscar liberação individual e aumentar a percepção do mundo em que se vive. Para tanto, o público passa ser a chave central da realização da arte. O espectador entra e faz

---

<sup>209</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p. 43.

<sup>210</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>211</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p. 41.

<sup>212</sup> YAMPOLSKI, R. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música.

Disponível em :

<[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2006/CDROM/COM/04\\_Com\\_Musicologia/sessao\\_05/04COM\\_MusHist\\_0503-184.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/04_Com_Musicologia/sessao_05/04COM_MusHist_0503-184.pdf)>. Acesso em 03-05-10.

intervenções na obra. Em uma manobra onde o artista é suprimido, o observador pode recompor a obra em qualquer ordem que faça sentido para si próprio.<sup>213</sup>

Tame diz que há

uma multidão de formas musicais – e todas, virtualmente, na melhor das hipóteses, são a música do humanismo materialista. Um século no qual, em grande parte, a música perdeu o seu caminho (pois que direção pode ser tomada quando nada no universo possui algum sentido ou propósito final?).<sup>214</sup>

A música de hoje pode ser chamada de lasciva, mole, repetitiva ou dura em seu conteúdo, pois não se dá nenhuma atenção verdadeira ao seu efeito sobre o caráter do ouvinte.<sup>215</sup>

De acordo com Confúcio (figura histórica mais conhecida na China como mestre, filósofo e teórico político, cuja filosofia enfatizava a moralidade pessoal e governamental, a exatidão nas relações sociais, a justiça e a sinceridade),<sup>216</sup> “se alguém desejar saber se um reino é bem ou mal governado, se a sua moral é boa ou má, examine a qualidade da sua música, que lhe fornecerá a resposta”.<sup>217</sup>

Ruud e Wrobel escrevem que:

a “música” é um fenômeno culturalmente obtido, um meio de organizar vibrações, o som codificado. Enquanto as vibrações podem ser universalmente sentidas, compreender a música implica conhecer os códigos ou modos de representação prevalentes na cultura, o que também significa conhecer a cultura.<sup>218</sup>

Num filme, por exemplo, pode-se imaginar o que está acontecendo sem assisti-lo, só pelo fato de se ouvir a música que está no fundo. A música transmite uma mensagem independente da letra, e provavelmente a música comunicará a mesma coisa em todos os lugares, mesmo com as diferenças sociais. Uma mesma música não pode transmitir alegria para uns e medo para outros. O impacto da música pode ser previsto por aqueles que sabem usá-la para alcançar efeitos específicos.<sup>219</sup> Assim como ela reflete as cenas do filme, ela também reflete o estilo de

<sup>213</sup>LEITE, Luciana de A. *A problemática do pós-moderno no campo artístico*.

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/posmoderno.html>. Acesso em 03-05-10.

<sup>214</sup>TAME, D. *Op. Cit.*, p. 30.

<sup>215</sup>*Ibidim*, p. 35.

<sup>216</sup>*Confúcio – Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conf%C3%BAcio>>. Acesso em 07-05-10.

<sup>217</sup>TAME, D. *Op. Cit.*, p. 36.

<sup>218</sup>RUUD, E.; WROBEL, V. B. *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>219</sup>STEFANI, W. M. *Op. Cit.*, p. 24- 25.

vida da sociedade, embora em outro âmbito. Ela demonstra os valores que são predominantes numa cultura.

### 3.2.2 Música e expressão de sentimentos

Acredita-se, por exemplo, que o *jazz* e particularmente o *rock*, sejam expressão do impulso sexual – muitas vezes não confessado – do jovem. A música que fala diretamente aos adolescentes surgiu como expressão livre e sem precedentes da energia sexual e da agressividade deles mesmos por volta de 1950. Para o guitarrista Pete Townshend (citado por Sekeff), líder do grupo *The Who*, “esse gênero evoca, acalma e *transforma* as paixões dos adolescentes, ajudando-os a sair inteiros do outro lado.” Ele sempre acreditou que há algo violento no rock, mas que buscavam transformar essa violência numa experiência artística prazerosa, extravasante, inofensiva e até religiosa.<sup>220</sup>

Os conjuntos de *rock* foram os primeiros a tentar direcionar e transformar em arte as ansiedades sexuais, os impulsos violentos e as frustrações de adolescentes. É totalmente claro que o rock não tem somente esse objetivo, pois aquele que o aprecia, pode desfrutar desse gênero simplesmente por sua estrutura, ritmo, linha melódica e harmonia, “privilegiando a música pela música, o rock pelo rock”.<sup>221</sup>

Outro caso é o surgimento do *Blues*. Seus criadores foram os negros do Sul do Estados Unidos. São canções que retratam o sofrimento dos negros. De acordo com Corrêa “é um lamento, é um grito de revolta arrancado à alma negra, a princípio por causa da escravatura, depois pela opressão que continuou a pesar sobre a raça negra após a abolição da escravatura (1865)”.<sup>222</sup> Ao cantar blues, os negros acompanhavam-se da viola, geralmente feitas por eles mesmo, e à medida que sua fama aumentava iam passando pelas aldeias, cidades, parando nas encruzilhadas e cantando.<sup>223</sup>

Na era da depressão, a música moderna tem a tendência de ser deprimente, pois ela reflete o estado de ânimo de seu compositor, e a maioria das pessoas que as escrevem são deprimidas, ou ainda porque a música em si é deprimente. Muitos culpam Satanás por isso, tentando desmoralizar as pessoas, porém Lahaye afirma que isso se deve exclusivamente ao fato de as pessoas eliminarem Jesus Cristo de suas vidas. A maior parte das letras das músicas populares

<sup>220</sup> Apud SEKEFF, M. L. *Op. Cit.*, p. 80-81.

<sup>221</sup> *Ibidim*, p. 80-81.

<sup>222</sup> CORRÊA, S. R. S. *Op. Cit.*, p. 90.

<sup>223</sup> *Ibidim*, p. 90.

está cheia de reclamação, lamentação e tristeza. Isso é a última coisa que alguém deprimido precisa ouvir, porém, por causa de seu estado de ânimo, é a isso que ela é atraída. Ao invés disso é necessário ouvir música alegre que exerça influência positiva e edifique as emoções e não deixar que as circunstâncias determinem a música.<sup>224</sup> “A música pode ajudar a criar a atitude mental correta que quando seguida pelos padrões de pensamento corretos, ajudá-lo-á a evitar a depressão.”<sup>225</sup>

Por mais que a música reflita uma sociedade, Cyril Scott, compositor eminente do século XX, citado por Tame, afirma que:

Parecemos conferir peso à noção predominante de que os estilos de música são apenas o resultado e a expressão de civilizações e sentimentos nacionais – o que quer dizer que a civilização vem primeiro, e suas espécies características de música vêm depois. Um exame da história, todavia, prova que a verdade é precisamente o contrário: uma inovação no estilo musical tem sido invariavelmente seguida de uma inovação na política e na moral. E, o que é mais... ao declínio da música [no Egito e na Grécia] seguiu-se o completo declínio das próprias civilizações egípcia e grega.<sup>226</sup>

“A própria concepção da música feita por uma sociedade é condicionada pelo ponto de vista filosófico geral sobre o qual se assenta a sociedade.” A falta de noção atual da música é o resultado da atual visão materialista-reducionista do mundo, vista apenas como “vibrações no ar”, assim também como a visão dos seres humanos como meras máquinas biológicas, que evoluíram à beira de uma acaso feliz, sem propósito final de existência, e onde os pensamentos e emoções são processos produzidos automaticamente como reflexo do meio que os rodeia.<sup>227</sup>

### 3.3 A música como modeladora

Tessmann afirma que “uma das finalidades da música é que ela facilita o entendimento das mensagens nela contidas”. É por isso que ela é tão usada em propagandas, hinos cívicos, escolas, etc. É mais fácil memorizar uma mensagem quando esta tem melodia e ritmo.<sup>228</sup> Juliana Scheibner por sua vez, escreve que ela entra no subconsciente e desvia o raciocínio, e uma vez que o consciente de alguém fica superlotado, este passa a aceitar tudo o que ouve, porque perdeu a sua autodefesa, aceitando as impressões externas sem nenhuma objeção.<sup>229</sup> A

<sup>224</sup> LAHAYE, T. *Op. Cit.*, p. 179-180.

<sup>225</sup> *Ibidim*, p. 180-181.

<sup>226</sup> *Apud* TAME, D. *Op. Cit.*, p. 25-26.

<sup>227</sup> *Ibidim*, p. 29.

<sup>228</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 26.

<sup>229</sup> SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 21.

música facilita o entendimento, mas o que Juliana escreve pode ser entendido como o poder que a música tem de anestesiar o lado racional do cérebro, deixando em evidência apenas o lado emocional.

Kurt Pahlen diz que

a Música age sobre o indivíduo e a massa; encontra-se não somente na história das revoluções senão também nas psicoses de guerra. A música é, nas mãos dos homens, um feitiço; o seu efeito se estende desde o despertar dos mais nobres sentimentos até o desencadeamento dos mais baixos instintos, desde a concentração devotada até a perda da consciência que parece embriaguez, desde a veneração religiosa até a mais brutal sensualidade.<sup>230</sup>

Ela tem sido empregada na produção de efeitos emocionais e mentais. Desde cedo trabalhadores têm cantado para obter maior rendimento no trabalho, porque música melodiosa, animada, quando escutada numa fábrica aumenta de fato o nível de produtividade.<sup>231</sup> Isto porque a música pode não só criar um estado de ânimo, mas mantê-lo ou afastá-lo.<sup>232</sup>

A música inspira, é fonte de energia e coloca em movimento nossos sentimentos mais profundos.<sup>233</sup> David Tame escreveu que ela também possui grande influência no caráter da pessoa e, alterando a pessoa, pode-se alterar uma sociedade. Ela pode determinar o caráter e direção da civilização. O violonista Yehudi Menuhin afirma que “a música cria ordem a partir do caos; pois o ritmo impõe unanimidade ao divergente, a melodia impõe continuidade ao descosido e a harmonia impõe compatibilidade ao incongruente”.<sup>234</sup> Por causa dessa influência toda, filósofos deram-lhe muito valor. Entre eles Aristóteles, que escreveu:

...emoções de toda espécie são produzidas pela melodia e pelo ritmo; através da música, por conseguinte, o homem se acostuma a experimentar as emoções certas; tem a música, portanto, o poder de formar o caráter, e os vários tipos de música, baseados nos vários modos, distinguem-se pelos seus efeitos sobre o caráter – um, por exemplo, operando na direção da melancolia, outro na da efeminação; um incentivando a renúncia, outro o domínio de si, um terceiro o entusiasmo, e assim por diante, através da série.<sup>235</sup>

<sup>230</sup>PAHLEN, K. *Op. Cit.*, p. 11.

<sup>231</sup>DUARTE, J. G. H. *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>232</sup>BEZERRA, R. A influência da música. Disponível em:

<[http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia\\_musica.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia_musica.htm)>. Acesso em 18-02-2010.

<sup>233</sup>DUARTE, J. G. H. A música e sua influência na qualidade de vida. Louvor, n. 92, p. 24.

<sup>234</sup>Apud TAME, D. *Op. Cit.*, p. 13.

<sup>235</sup>*Ibidim*, p. 19.

Só a partir do século passado que se perdeu quase toda crença na música como força capaz de mudar o indivíduo na sociedade, passando principalmente a ser virtual e só,<sup>236</sup> ou seja, executando a música simplesmente como entretenimento sem pensar no que ela produzirá nos seus ouvintes e as conseqüências para a sociedade.

A professora Josélia Duarte afirma que “se a música nos proporciona experiências e se a experiência modela parte do nosso caráter, então a música que ouvimos exerce uma grande influência na construção dos nossos traços de caráter”.<sup>237</sup>

Os grandes meios de comunicação estão cientes desta influência. As companhias que fazem anúncios na televisão investem muito dinheiro para colocar suas propagandas nos melhores horários. Estas duram cerca de apenas de 30 segundos, mas são tão bem elaboradas para que a mensagem seja comunicada e fixada, através de uma letra chamativa com uma música apropriada para melhorar a perceptividade. Ao que parece, a meta sempre é alcançada.<sup>238</sup>

Assim também, nas estações de rádio toca-se música planejada para que atraia audiência para tornar-se popular e assim atrair patrocinadores. Apenas a música que produza o efeito desejado vai ao ar, e isso acaba manipulando o gosto dos ouvintes. Por isso, segundo Stefani, “é óbvio, para qualquer observador social, que o rádio não segue, mas precede a popularidade pública de massas.” A maioria dos “sucessos” é pré-determinada dentro da indústria musical, atingindo através disto a manipulação política e o comportamento da sociedade.<sup>239</sup> O mesmo fenômeno aparece na música evangélica.

A questão é que nem sempre que se ouve música conhece-se realmente o seu significado e implicação.<sup>240</sup> Borchgrevink diz que “o contexto social e a história do desenvolvimento de cada pessoa será determinante de como ela receberá estímulos sonoros, que poderá ser para seu bem ou para o mal”.<sup>241</sup> Pode-se induzir as pessoas a terem algumas atitudes somente pela música ao transformá-las em canções de comando. Foi o que Hitler fez. Deu aos jovens uma motivação e um alvo, com uma visão de superioridade sobre os outros, embalados por hinos

---

<sup>236</sup> *Ibidim*, p. 25.

<sup>237</sup> DUARTE, J. G. H. *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>238</sup> STEFANI, W. M. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>239</sup> STEFANI, W. M. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>240</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>241</sup> *Apud* GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Culto Cristão: contemplação e comunhão*, p. 65.

patrióticos ou baseados em sua metodologia. Assim, os jovens bem intencionados, ficaram ao seu lado voltando-se contra suas próprias famílias e amigos.<sup>242</sup>

Fischer escreve que “de todas as artes, a música é a que dispõe de maior capacidade de nublar a inteligência, de embriagar, de criar uma obediência cega e, naturalmente, de provocar ânsias de morrer”.<sup>243</sup>

As reações emocionais do som ouvido podem levar a pessoa a fazer associações, e podem proporcionar estados alterados de consciência, que segundo José Júnior, “é um estado diferente da consciência habitual da vigília. As músicas tocadas de forma repetitiva, com seqüências de acordes e ritmos repetitivos, com a utilização de instrumentos de percussão marcando ritmo, conseguem alterar o estado de consciência mais facilmente. Isso acontece porque ocorre

uma sedação do hemisfério esquerdo do cérebro, liberando o hemisfério direito, responsável, segundo Borchgrevink (1991), pelas emoções, intuição e criatividade. As baixas frequências emitidas por esses sons parecem enviar uma energia com grande amplitude ao cérebro, o que leva a uma modificação do estado normal de consciência. Possivelmente quando a energia vibratória da fonte externa(...) interage com a energia vibratória dos indivíduos, por meio da ressonância, ocorre o transe ou estado alterado de consciência.<sup>244</sup>

Dessa forma, algumas pessoas usam a música com o objetivo de alcançar diversos fins, sem o ouvinte se dar conta, pois o lado cerebral, responsável pela lógica, memória, razão, é anestesiado pelos sons repetitivos, sobressaindo o lado cerebral relacionado com as emoções.<sup>245</sup> Os mantras são feitos exatamente para este fim, que pode ser qualquer som, sílaba, palavra, frase ou texto religioso geralmente numa língua morta, e servem para concentrar, meditar, energizer, etc.<sup>246</sup> O que mais se vê na atualidade, é uma adaptação dos mantras na língua vernácula. Pega-se uma ou duas frases e fica-se repetindo no mesmo ritmo e as pessoas acham isso muito legal e tem muitas “experiências”, o que não passa de sentimentalismo. Porém, não percebem o quanto seus valores são afetados. Acham tudo lindo e maravilhoso, sem questionar a letra ou geralmente a má qualidade da música.

---

<sup>242</sup> *Ibidim*, p. 65.

<sup>243</sup> FISCHER, E. *Op. Cit.*, p. 213.

<sup>244</sup> JÚNIOR, J. D. S. *Consciência e Música. Louvor*, n.104, p. 18-19.

<sup>245</sup> *Ibidim*, p. 18,19.

<sup>246</sup> Mantra : Wikipédia – a enciclopédia livre. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mantra>>. Acesso em 25-08-10.

As pessoas ligam o “piloto automático” e cantam sem saber porque estão cantando, o que estão dizendo ou prometendo. O seu comportamento estará sendo mudado – conceitos, doutrinas, princípios – sem que se perceba, pois uma mensagem está ajustada intencionalmente com a música induzindo o pensamento e intervindo na sua atitude.<sup>247</sup>

Na sociedade atual vê-se grande depravação moral, aumento da violência e consumo de drogas e bebidas. Isso se deve, em grande parte, às músicas, principalmente suas letras, que jovens, adolescentes e crianças têm ouvido. Tudo isso é mostrado de forma atraente comunicando valores de como a pessoa precisa agir perante determinada situação. Não adianta falar em paz enquanto meninos e meninas crescerem ouvindo músicas que estimulem a violência<sup>248</sup> e a sexualidade. Não adianta querer a fidelidade em relacionamentos se as músicas estimulam a traição. Não adianta querer famílias felizes se as músicas desprezam o compromisso.

---

<sup>247</sup> GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Op. Cit.*, p. 66.

<sup>248</sup> SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 23-24.

*Com exceção do Espírito Santo, a música é o elemento mais poderoso do culto. Ela tem uma capacidade incrível de abrir o coração humano para Deus, tendo acesso mais rápido e mais profundo à alma, sendo mais permanente que qualquer outra forma de arte ou de oratória humana.*

**(Sally Morgenthaler)**

## IV- INFLUÊNCIA ESPIRITUAL CRISTÃ

Além do corpo, da cultura, dos sentimentos e emoção, a música também influencia o espírito. De acordo com McCLELLAN “o âmbito espiritual de domínio da música fica além das emoções, e dos processos mentais e intelectuais, transcende o alcance das atividades humanas”.<sup>249</sup>

Segundo Duarte, ela é um instrumento facilitador, “que nos ajuda a entender a vontade de Deus e o que Deus é. A música prepara o nosso coração para ouvirmos a verdade de Deus.” Com ela pode-se cantar louvores, adorá-lo e agradecê-lo. É um meio de proclamar as maravilhas que ele realiza na vida de cada um. “A música cristã fala à nossa alma e nos eleva à presença de Deus.”<sup>250</sup> Sem dúvida, além de unir homens, a qualidade peculiar da música é a de constituir um meio adequado de alcançar ou influenciar aquilo que se considera sobrenatural.<sup>251</sup>

O homem recebeu de Deus o dom de apreciar a beleza, perceber e expressar o belo. De acordo com Amorese, se o homem nega o fato da gratidão, “o belo se torna feio; o sublime se torna grosseiro; o sagrado se torna profano”. Cada vez que o homem caído aprecia o bom e o belo, ele revela um indício de gratidão que o faz adorador, ainda que não o admita, e quando não adora o criador, adora a criatura.<sup>252</sup> Sobre isso Paulo escreveu aos romanos: “*Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém.*” (Rm 1.25). A pessoa não consegue ficar sem se ajoelhar perante alguma coisa.<sup>253</sup> A música é uma das formas de o homem expressar a sua percepção do belo, expressando através dela as suas emoções. Ao dar esse dom ao homem, o Criador associou a essa dimensão da alma humana sensações poderosas e indescritíveis, que podem mover seu íntimo e levar o homem às lágrimas. Essas sensações têm poder de trazer a tona outros sentimentos que até então estavam escondidos ou esquecidos pela própria pessoa. Esses momentos são frequentemente chamados de “arrebatamento” – como que se a pessoa fosse tirada desse mundo comum e levado para uma dimensão de sonhos, em harmonia. Esse é o mundo das emoções e isso gera prazer.<sup>254</sup>

---

<sup>249</sup> Apud JÚNIOR, J. D. S. Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n. 121, p. 23.

<sup>250</sup> DUARTE, J. G. H. *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>251</sup> GASTON, E. T. *Op. Cit.*, p. 43.

<sup>252</sup> AMORESE, R. *Louvor, adoração e liturgia*, p.31-32.

<sup>253</sup> POHL, A. *Carta aos Romanos: Comentário Esperança*, Cd-Rom .

<sup>254</sup> AMORESE, R. *Op. Cit.*, p. 31-32.

A música exerce uma forte influência no meio evangélico, principalmente durante o culto. Os cantos e instrumentos proporcionam um ambiente que pode levar aos estados alterados de consciência. Na maioria das igrejas reserva-se um momento específico de cânticos, geralmente dirigido por um dirigente que leva a congregação a uma experiência. É difícil saber se ela é uma experiência ou não de adoração. Neste momento predominam as emoções e as pessoas são levadas a se expressar de modo espontâneo. Muitas vezes isso cria, segundo Júnior, “um ambiente de fraternidade e funciona como uma espécie de catarse coletiva”.<sup>255</sup> Ela pode também levar a um estado meditativo. Essa música afeta primeiro a mente e depois o corpo. Geralmente são músicas lentas, com frases melódicas longas e muitas pausas. O objetivo é alterar a percepção de tempo.<sup>256</sup>

A música dentro do culto tem a missão de por si só, criar uma atmosfera religiosa, de emotividades diferentes, que leva a pessoa tanto a introspecção ou à exaltação, e levanta os sentimentos e o espírito, incentivando-os à devoção. O culto não possui o mesmo nível emocional do começo ao fim, e a música ajuda a estabelecer o clima adequado para ajudar o fiel a aproximar-se de Deus, quando é para Deus.<sup>257</sup> Porém, quase todas as formas de música do século XX são totalmente destituídas de genuíno valor espiritual regenerativo.<sup>258</sup>

Novamente Juliana, baseada em Leinig afirma que se

o ritmo musical coordena e dinamiza o movimento e que a melodia alegra o coração tornando o homem mais feliz, pode-se concluir que a música nasceu no coração de Deus e alcançou diretamente a emoção humana. Por isso ela exerce uma influência na sua conduta e no seu estado de espírito. Sendo assim, a música também afeta o relacionamento com Deus, podendo aproximá-lo ou afastá-lo.<sup>259</sup>

É fato, que a música tem grande poder sobre o ser humano, muito mais do que sequer se imagina, porém, ela não tem maior poder que Deus. Ela é um detalhe que ele planejou para louvor da Sua glória.<sup>260</sup>

Concordando com o musicólogo Julius Portnoy e na observância de todo o mundo antigo, David afirma que: “a música libera, no mundo material, uma energia fundamental,

---

<sup>255</sup> JÚNIOR, J. D. S. Consciência e Música. *Louvor*, n.104, p. 18-19.

<sup>256</sup> Os Efeitos da música no ser humano. *Louvor*, n. 121, p. 23.

<sup>257</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 18, 19.

<sup>258</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 30.

<sup>259</sup> *Apud* SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 31.

<sup>260</sup> SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 31.

superfísica, que vem de fora do mundo da experiência cotidiana”.<sup>261</sup> Por outro lado, Roberto Muggiati cita em seu livro *Rock – o grito e o mito*, o guitarrista Jimi Hendrix, que afirmou: “A música em si é uma coisa espiritual. Não se pode cortar uma fatia de uma onda perfeita do mar e levá-la para casa. A música está em movimento o tempo todo. É a maior coisa eletrificando a Terra.”<sup>262</sup>

Em Ef 5.19 tem-se a referência de que Deus aprecia o valor musical da adoração coletiva “falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração o Senhor.” Sally Morgenthaler, fundamentada em Lutero, argumenta que

com exceção do Espírito Santo, a música é o elemento mais poderoso do culto. Ela tem uma capacidade incrível de abrir o coração humano para Deus, tendo acesso mais rápido e mais profundo à alma, sendo mais permanente que qualquer outra forma de arte ou de oratória humana (sim, isso inclui o sermão!).<sup>263</sup>

Por que a música melhora e enriquece o culto? Segundo Basden, porque

“a música toca as emoções humanas de um modo único. Nada consegue provocar a mesma reação suscitada pela música. Deus criou a música para nos enriquecer nesse nível profundo e impenetrável por outros meios. Não fosse pela música, nosso culto terminaria se degenerando em um exercício puramente racional. Mas a música no culto se transformou na ponte entre nossas emoções e Deus.”<sup>264</sup>

#### 4.1 Expressão de verdades bíblicas

De acordo com Juliana Scheibner

O objetivo da música, na vida espiritual no crente, deve estar relacionado com a experiência e com aprendizagem das verdades bíblicas. Como resultado, haverá crescimento através da compreensão das mensagens inseridas nos textos.<sup>265</sup>

A respeito da importância da letra, com base em Haycock, Juliana continua, afirmando que:

O Espírito Santo usa a arte dos sons para falar a homens e mulheres e para convencê-los do pecado e conduzi-los à reflexão. Entretanto, para que os ouvintes entendam e recebam a mensagem de Deus através da música, é

<sup>261</sup> TAME, D. *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>262</sup> MUGGIATI, R. O grito e o mito. In: O poder da música, p. 37.

<sup>263</sup> *Apud* BASDEN, P. Estilos de Louvor, p. 120.

<sup>264</sup> BASDEN, P. *Op. Cit.*, p. 120.

<sup>265</sup> SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 32.

necessário ter alguns cuidados, entre eles pode-se destacar a letra que deve ser inteligível e teologicamente correta.<sup>266</sup>

Se a Bíblia é a única regra de fé e prática, ela deve ser também guia de música para a igreja. Isso não quer dizer ser necessário reproduzir exatamente o que nela está escrito, mas obedecer alguns princípios estabelecidos por ela. Jesus mandou pregar o Evangelho, ensinar, batizar, dar testemunho. Quanto ao método, ele o deixou para seu povo, e um deles é a música.<sup>267</sup>

Em Colossenses 3.16 Paulo escreve: “*Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais.*” Uma das melhores maneiras de ensinar verdades bíblicas é a música. Ela pode penetrar na mente e no coração e lá ficar. Combina-se o intelecto com emoções. Ela é o meio de se implantar idéias e influenciar a humanidade.<sup>268</sup> Se o que se quer é ensinar a Bíblia ao povo, então o mais correto é pensar na música como ferramenta.

A palavra de Cristo deveria ser abundante na vida do cristão, que na época era transmitida oralmente. Ela precisa habitar na vida da pessoa e não ser apenas como uma simples visita. Tem-se muito mais facilidade em obtê-la, mas é pouco ouvida, guardada e refletida no meio atual. O texto citado fala de que os irmãos devem ensinar e exortar uns aos outros com sabedoria. Paulo não imagina uma igreja calada e fria, mas corações movidos, dos quais sai o cântico a Deus.<sup>269</sup>

A música precisa servir à palavra.<sup>270</sup> Algumas das doutrinas mais importantes eram expressas na Igreja Primitiva em hinos. Paulo imagina o louvor em várias formas, não só os salmos da Bíblia, ou hinos, mas também canções concedidas por Deus. Sua preocupação é que a canção seja portadora do Espírito Dele. Também diz que devem cantar em seu coração, lugar onde surge o cântico autêntico. Se não houver envolvimento do coração todo o louvor perde o valor perante Deus. E isso deve ser feito com gratidão, pois pessoas que receberam graça sentem-se impelidas a louvar, a jubilar e agradecer. Isso se torna uma canção. Sentem-se incentivadas a levar adiante a mensagem da graça por meio do canto. Isso faz parte da santificação da igreja,

<sup>266</sup> Apud SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 35.

<sup>267</sup> McCOMMON, P. *Op. Cit.*, p. 22.

<sup>268</sup> ALLEN R.; BORROR G. Teologia da adoração, p. 158, 156.

<sup>269</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 59.

<sup>270</sup> *Ibidim*, p. 59.

fazendo com que as pessoas se encham do Espírito,<sup>271</sup> sendo que o canto também é um sinal de uma vida cheia do Espírito Santo.<sup>272</sup>

Esse texto mostra também que a igreja pode variar a sua expressão musical.<sup>273</sup> Ao mesmo tempo que a igreja louva ao Senhor por meio da música cantada, ela estará também instruindo e aconselhando uns aos outros. A música sustenta, dá coragem e anima aqueles que se sentem sozinhos. Os primeiros mártires jogados nas arenas às feras foram fortalecidos pela música para persistirem até o fim com sua fé.

Há também meditações que usam linguagem retórica e tratam de temas teológicos profundos como Ef 3.1-14; Rm 8.31-39 e 1 Co 13. Além desses, em 2 Timóteo encontram-se os hinos confessionais e ainda os hinos cristológicos destacando o senhorio e exaltação de Jesus Cristo, como encontrado em 1 Tm 3.16. Os crentes da época de Paulo que encheram as casas para adorar tinham um cântico que Deus lhes dera, e o mais importante é que a santidade e grandeza dele pudessem ser reconhecidos (Ap 4.8). A música incita as emoções, que motivam a vontade e a confiança.<sup>274</sup> Segundo Shedd “a música harmoniosa deve desafiar a congregação que canta a ‘esforçar-se diligentemente por preservar a unidade do Espírito’ (Ef 4.3)”. Ela deve envolver toda personalidade do homem, “o corpo, sentidos, pensamentos e palavras, movimento e ação, como também o ouvir e o entender”.<sup>275</sup>

Durante anos as igrejas cantavam hinos de composições centenárias, que hoje foram deixados de lado para cantar os “cânticos modernos”, pois a nova geração buscava novas formas de expressão musical e de melhor compreensão para os jovens. E nessa mudança surgiram hinos mais simples e curtos acompanhados com palmas e instrumentos antes considerados “profanos”. O louvor no culto deixou de ser reflexão para tornar-se mais corporal e efusivo. A adoração meditativa passou a ser contemplativa. Muitos novos cânticos têm ênfase no Antigo Testamento, com temas judaicos, mas sem transposição cristã. Mas, não se pode cantar qualquer texto bíblico só porque é a Palavra de Deus. É necessário haver uma hermenêutica correta, pois pode trazer uma idéia incompleta ou teologia ultrapassada pelos ensinamentos cristãos.<sup>276</sup>

<sup>271</sup> BOOR, W. *Colossenses*: Comentário Esperança, cd-Rom.

<sup>272</sup> SHEDD, R. P. *Adoração Bíblica*, p. 39.

<sup>273</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 4.

<sup>274</sup> SHEDD, R. P. *Op. Cit.*, p. 86-89.

<sup>275</sup> *Ibidim*, p. 90.

<sup>276</sup> SAYÃO, L. Louvor com Sobriedade. *Louvor*, n. 122, p. 20-23.

Porém, não se pode deixar triunfar o aspecto cultura sobre o teológico.<sup>277</sup> É necessário cantar com o espírito e com o entendimento. Uma experiência real acontece quando se é obediente aos princípios determinados por Deus para nós, em sua palavra. Muitas vezes, há simplificação demasiada, pois “subestimamos a capacidade do nosso povo de compreender conceitos sobre Deus”.<sup>278</sup>

Infelizmente algumas pessoas usam o momento de louvor na igreja, com predominância nas emoções, para envolver o público num estado alterado de consciência, para alcançar diversos objetivos, que pode ser a aceitação da mensagem falada em seguida, ou proporcionar um momento de “cura espiritual”, ou por outras razões. Muitas vezes ela é usada dessa maneira até por falta de conhecimento de como a música pode agir no homem.<sup>279</sup>

Como consequência de uma sociedade cada vez mais doente das suas emoções, muitas músicas são cantadas na igreja com “letras modernas” contendo expressões como: “beijar teus pés...”, “desesperadamente te quero mais e mais”. O que está acontecendo é que o cristão não acha mais a graça de Deus suficiente em sua vida, sempre espera e exige mais de Deus.<sup>280</sup>

Porém, em 1 Coríntios 14.15 Paulo expressa a necessidade de se usar o entendimento na adoração cristã. Precisa haver uma ligação entre o sentimento e razão: “*Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também com o entendimento*”.<sup>281</sup>

O pastor Luiz Sayão afirma que: “Não é possível que se possa louvar a Deus com entendimento usando composições pobres e vazias de conteúdo e, isso, quando as letras não contém erros teológicos e até heresias.” Se o objetivo é oferecer um louvor a Deus, é preciso fazê-lo com qualidade.<sup>282</sup> A música apenas comove as emoções, mas é preciso comover a alma.<sup>283</sup> “Para Deus, é necessário saber o que estamos fazendo, para que possamos fazê-lo de modo que agrade a ele.”<sup>284</sup>

A ignorância tem sido cultivada no país com arrogância, e a espiritualidade evangélica tem se distanciado do pensar. Muitos usam até a espiritualidade como pretexto para a falta de juízo.

<sup>277</sup> FILHO, I. G. C. Uma análise dos cânticos nos evangelhos – o Magnificat e o Benedictus. *Louvor*, n.111, p.6.

<sup>278</sup> SUTTON, J. L. Em busca de um Equilíbrio (3ª parte). *Louvor*, p. 23-24.

<sup>279</sup> JÚNIOR, J. D. S. Consciência e Música. *Louvor*, n. 104, p. 18-19.

<sup>280</sup> BARROS, S. V. Música comercial X Música congregacional. *Louvor*, n. 121, p. 29.

<sup>281</sup> JÚNIOR, J. D. S. Consciência e Música. *Louvor*, n. 104, p. 18-19.

<sup>282</sup> SAYÃO, L. *Op. Cit.*, p. 23.

<sup>283</sup> MASTERS, P. *Louvor em Crise*, p. 25.

<sup>284</sup> AMORESE, R. *Op. Cit.*, p. 36.

Porém, isso é reflexo que se canta e prega nas igrejas. Entoam-se absurdos teológicos e que se chocam contra a Bíblia. As pessoas apenas se preocupam se o ritmo é bom, agitado e se elas se sentem bem. Cristo está cada vez mais fora do evangelho, que está tornando-se segundo Isaltino “um ajuntamento de sentimentos, sensações, experiências místicas”.<sup>285</sup> Apenas emoções, e emoções podem levar à loucura.<sup>286</sup>

Dentro das músicas, “Jesus é cada vez mais um conceito para dentro do qual as pessoas projetam seus sonhos de consumo ou de classe média, que o Redentor e Salvador.” O conteúdo que se canta é irrelevante. A maioria das pessoas está interessada em sensações e em experimentar uma força, não querendo aprofundar-se no evangelho e nem estudar a Bíblia.<sup>287</sup>

Canta-se muitas vezes as mesmas coisas, num determinado padrão, e, se alguém foge desse padrão corre o risco de ser detestado. É necessário comparar as letras cantadas de acordo com a Palavra de Deus. Os cultos precisam de doutrinação. As músicas precisam de doutrina, caso contrário, que Jesus nós temos? Podemos levar em consideração também a nossa herança teológica e litúrgica. Os que vieram antes de nós muito contribuíram e no que erraram, podemos aprender como não fazer.<sup>288</sup>

Ao escolher músicas cristãs, o cristão muitas vezes é persuadido a escolher músicas que estão fazendo sucesso. Com o crescimento da indústria cultural gospel, o comércio tem influenciado muito as práticas da igreja de Cristo. Tem-se investido muito nos consumidores e em publicidade, e este processo para as massas, tem causado uma alienação cultural na população brasileira, principalmente quando se trata de música de qualidade, vendendo-se o que tem pouco valor artístico. Isso influencia diretamente o comportamento dos crentes que acabam não se incomodando mais com certas atitudes no meio cristão. “Muitos se tornaram reféns dos valores e princípios deste mundo.” Um elemento de adoração tornou-se um produto e em “marketing”, para satisfazer a um desejo ou necessidade.<sup>289</sup>

A letra da música já não é o mais importante, mas deve respeitar as tendências do momento e mostrar o que Deus pode fazer para o homem e a intimidade deste com Deus. Satisfazer-se é o alvo principal de muitos na questão da música no culto, e quando não são satisfeitos, procuram outra igreja esquecendo-se do verdadeiro objetivo de cantar a Deus.

<sup>285</sup> FILHO, I. G. C. A força da ignorância. *Louvor*, n. 123, p. 17-18.

<sup>286</sup> GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Op. Cit.*, p. 68.

<sup>287</sup> FILHO, I. G. C. A força da ignorância. *Louvor*, n. 123, p. 19-21.

<sup>288</sup> *Ibidim*, p. 17-21.

<sup>289</sup> *Apud* BARROS, S. V. Música comercial X Música congregacional. *Louvor*, n.121, p. 25-29.

Denise Frederico fez uma análise dos males existentes na maioria dos cânticos atuais: 1) a falta de estrutura musical, que os torna descartáveis; 2) uso de intervalos e saltos de altura grandes, descaracterizando o canto como congregacional; 3) composições musicalmente pobres que se destacam pela repetição; 4) alguns com letra fraca.<sup>290</sup> A diferença que a música faz na edificação da igreja se percebe quando as pessoas vão para casa. Muitas vezes ao invés de doutrinar as pessoas, ela fez com que as pessoas se sentissem boas cristãs simplesmente ouvindo boa música.<sup>291</sup>

É um desafio ser uma igreja contextualizada musicalmente e saudável na pregação e vivência de suas doutrinas e práticas. Para isso, Barros sugere alguns critérios na escolha dos cânticos, pelo menos os usados no culto: 1) deve refletir a beleza de Deus; 2) solidificação das doutrinas; 3) deve-se considerar as pessoas que formam a comunidade para que a música seja acessível.<sup>292</sup>

Não é errado as pessoas sentirem fortes emoções, porém, é necessário agir de forma responsável com isso, e todo o músico tem possibilidade de conduzir esses sentimentos.<sup>293</sup> Isso cria um problema muito grande, pois se a música é tão influenciadora, como ela influenciará o crescimento espiritual se não possui letra adequada?

## 4.2 Expressão de sentimentos

Expressão é o principal papel da música no culto, onde as pessoas podem apresentar a Deus seus louvores diretamente. Cada um pode expressar-se ao seu Criador.<sup>294</sup> Através da música conversa-se com Deus de coração para coração e ele fala também. Segundo Douglas “cantar a Deus é expressão do mais íntimo de nosso ser e somente como expressão da intimidade do nosso ser ela tem sua a sua razão de ser e o seu valor”.<sup>295</sup> A expressão envolve gestos, ritos, falas, afirmações de fé, louvor, levantar as mãos, etc. em que a vida e problemas, pecado ou gratidão são apresentados a Deus, sob a ótica de seu favor.<sup>296</sup>

O povo hebreu tinha o seu livro de cânticos, o qual se conhece hoje por livro de Salmos. Os cânticos são divididos em cinco livros que tratam de assuntos diversos e que dizem respeito às

<sup>290</sup> BARROS, S. V. Música comercial X Música congregacional. *Louvor*, n. 121, p. 25-29.

<sup>291</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 45.

<sup>292</sup> BARROS, S. V. Música comercial X Música congregacional. *Louvor*, n. 121, p. 25-29.

<sup>293</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 60.

<sup>294</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>295</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 57.

<sup>296</sup> AMORESE, R. *Op. Cit.*, p. 103.

emoções e necessidades do ser humano, tais como: conforto na dor, lamento, imprecações, segurança e vitória em tempo de angústia e aflição, louvores, orações de confissão, perdão e dedicação.<sup>297</sup>

Isaltino afirma que “cânticos e cultos devem celebrar os atos de Deus por nós e expressar nossa gratidão pela sua obra por nossa vida”.<sup>298</sup> Não é simplesmente uma catarse para externar emoções, nem um momento de entretenimento espiritual para nos sentir bem.<sup>299</sup> As músicas devem ser executadas com humildade, reverência, inteligência e compreensão das palavras e com aptidão para tal fim.<sup>300</sup>

Não existe uma “música cristã”, mas muitas músicas cristãs. Ela terá o estilo da cultura à qual o seu compositor pertence. Deus não estabeleceu um padrão extracultural nem para o culto e muito menos para a música, embora muitos ainda crêem nisso. É preciso deixar o povo expressar-se através do estilo da sua cultura, o que traz satisfação a eles. Vários exemplos já foram mencionados, de que o louvor a Deus fluiu quando o povo pôde adorar no seu estilo, mas isso é claro, não é só colocar uma letra evangélica num estilo e pronto. É necessário considerar segundo Rolando Nassáu, “a relação da pessoa com a música de seu país.” É preciso cuidar “qual o tipo de música que não irá despertar sentimentos incompatíveis com a verdadeira adoração”.<sup>301</sup> Houve experiências em que a música era da cultura, mas inadequada para o culto, escandalizando os crentes.

Liepkan conta a história de um missionário na África que ficou escandalizado ao ver os crentes africanos tocando seus tambores num culto por já ter visto esse tipo de música nas festas pagãs deles. Quando o líder da igreja foi questionado sobre aquilo que o missionário achava ser música imprópria para o culto cristão, respondeu o seguinte: “desde que nós nos tornamos crentes só usamos os toques bons. Nunca mais tocaríamos como fazíamos antes!” O missionário não sabia a diferença dos toques, mas todos daquela cultura sabiam. O que aqueles crentes queriam, é fazer um culto próprio significativo e atraente para eles.<sup>302</sup>

A música expressa na linguagem do povo é importante. Ainda Liepkan diz que “muitas igrejas têm descoberto a chave para se tornarem mais relevantes e significativas para o grupo

<sup>297</sup> GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Op. Cit.*, p. 58-59.

<sup>298</sup> FILHO, I. G. C. Uma análise dos cânticos nos evangelhos – o Magnificat e o Benedictus. *Louvor*, n. 111, p. 9.

<sup>299</sup> *Ibidim*, p. 9.

<sup>300</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 67-69.

<sup>301</sup> *Apud* LIEPKAN, D. Etnomusicologia e a adoração culturalmente relevante. *Louvor*, n. 94, p. 28-29.

<sup>302</sup> *Ibidim*, p. 28-29.

humano no qual estão estabelecidas, vindo conseqüentemente a crescer”. A música de acordo com a cultura tem sido indispensável na plantação de igrejas e na realização de uma adoração culturalmente relevante.<sup>303</sup>

Maico Sant’Anna afirma que “é mister estabelecer uma reflexão a respeito do poder das emoções e da arte no que tange às evocações emoções, para que o culto não seja, tão somente, um lugar para manifestações emocionais.” Por mais que o relacionamento com Deus seja também emocional, não deve ser isso a base do culto cristão, pois isso não é suficiente para proporcionar um posicionamento prático, racional, de tomadas de atitude e mudança de valores morais, éticos ou até mesmo espirituais.<sup>304</sup>

Muitas vezes fica-se com receio de expressar emoções integralmente a Deus através do louvor, porém foi Deus quem as criou e ele quer que sejam usadas para seu louvor. Elas ajudam a derramar o ser perante Deus. O louvor transforma todo o panorama do coração e mente; ele tem capacidade de restaurar.<sup>305</sup> As emoções devem estar completamente submissas a Deus e vários sentimentos podem estar contidos nelas.

#### 4.2.1 Confiança

“Louvor não é misticismo, mas uma declaração de que temos um novo relacionamento com Deus.”<sup>306</sup> Em 2 Crônicas 20.14-22 está o relato de que Josafá, rei de Judá, enfrentaria uma guerra contra Amom e Moabe. Josafá e todo povo buscaram a Deus e então foram escolhidos alguns homens para ir à frente em marcha à guerra cantando louvores a Deus e declarando sua santidade. Com essa atitude estavam declarando que confiavam em Deus mesmo em meio às adversidades. O que aconteceu é que quando começaram a cantar, Deus preparou uma emboscada para os inimigos, dando-lhes a vitória sem precisarem lutar.<sup>307</sup>

O Salmo 46 expressa confiança no Senhor. Israel lutava por vida e o poder de Deus livrou e trouxe a paz. Essa ajuda de Deus é bem presente. O salmista encontrou segurança e coragem para confiar no Senhor, e por isso, os santos não precisam temer, mesmo em meio a muitos perigos que enfrentam. Sem importar os acontecimentos, aqueles que confiam em Deus estão seguros, mesmo que calamidades de qualquer tipo atinjam a terra, ou ainda nações e reis

<sup>303</sup> LIEPKAN, D. Etnomusicologia e a adoração culturalmente relevante. *Louvor*, n. 94, p. 28-29.

<sup>304</sup> SANT’ANNA, M. C. Música na celebração cristã. *Louvor*, n. 122, p. 25.

<sup>305</sup> YOUSSEF, M. Fortalecidos pelo Louvor, p. 80-81.

<sup>306</sup> FILHO, I. G. C. O grande hino cristológico de Efésios (parte 1). *Louvor*, n. 112, p. 6.

<sup>307</sup> McCOMMMON, P. *Op. Cit.*, p. 27- 28.; YOUSSEF, M. *Op. Cit.*, p. 172- 174.

contra eles se levantem, as obras de Deus estão em evidência. É ele que tem o poder nas mãos, e por isso não se precisa temer.<sup>308</sup>

Hoje a música tem por objetivo ajudar na batalha contra o pecado. É uma força para quebrar também os corações mais endurecidos.<sup>309</sup> Quando a música se torna um louvor a Deus, ela entra no âmbito espiritual e dá poder para derrotar o diabo. Isso acontece porque estamos proclamando o que Deus verdadeiramente é e isso aumenta nossa fé e confiança e torna a situação insuportável para Satanás.<sup>310</sup>

#### 4.2.2 Gratidão e alegria

A Bíblia está cheia de hinos e cânticos que expressam louvor e gratidão a Deus. Dois deles de grande destaque: o cântico de Maria (Lc 1.46-55), chamado de “*Magnificat*”, e o cântico de Zacarias (Lc 1.68-79), chamado “*Benedictus*”.

O cântico de Maria louva a Deus por aquilo que ele é. Ela exalta com toda a alma, e não algo mecânico. Traz a idéia de alguém totalmente derramado diante de Deus e, com gratidão, reconhecendo sua humildade e dando os créditos a Deus.<sup>311</sup> *Benedictus*: celebra uma bênção recebida. Zacarias louva a Deus pelos seus atos na história, tanto no passado como no futuro. Foi algo inspirado por Deus. Nossos cânticos precisam ter uma história da fé cristã e não só sensações. Zacarias reconheceu o menino Jesus: o Salvador. Precisa-se colocar Cristo no centro do que é cantado,<sup>312</sup> influenciando no louvor a Deus, pois se esquece muito fácil daquilo que Deus fez. A música é um meio de recordar e agradecer.

Em I Crônicas 16 encontra-se o relato de que Davi providenciou um tabernáculo provisório para a arca da aliança e designou alguns levitas para cuidá-la (v. 1,4), mesmo que ele não pudesse construir o templo. O rei era considerado o mediador das bênçãos divinas, e depois de acabar de oferecer o sacrifício, ele abençoou o povo. Os levitas seriam responsáveis pela adoração e louvor adequados, acompanhando o culto inteiro com suas músicas.<sup>313</sup> Tudo isso foi feito para que Deus recebesse o louvor e gratidão devido por quem ele é, tudo o que já havia feito, e porque estava com seu povo.

<sup>308</sup> CHAMPLIN, R. N. O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo, v. 4, p. 2200- 2201.

<sup>309</sup> McCOMMON, P. *Op. Cit.*, p. 27.

<sup>310</sup> YOUSSEF, M. *Op. Cit.*, p. 157-158.

<sup>311</sup> FILHO, I. G. C. Uma análise dos cânticos nos evangelhos – o Magnificat e o Benedictus. Louvor, n. 111, p. 5, 6.

<sup>312</sup> *Ibidim*, p. 8.

<sup>313</sup> CHAMPLIN, R. N. O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo, v. 3, p. 1608.

Também se tem os exemplos de Moisés (Êxodo 15) e o cântico de Ana (1 Sm 2.1-10).<sup>314</sup> Em 2 Crônicas 29.27-30 vê-se a música sendo usada como expressão de um avivamento que Deus estava fazendo no meio do povo. Quando Ezequias subiu ao trono de Israel, o templo estava quase todo desprezado. Ele ordenou aos sacerdotes que se santificassem e se preparassem para oferecer sacrifícios ao Senhor. No grande dia houve muito júbilo por aquilo que o Senhor tinha feito e começaram a louvar a Deus, e nesse dia houve quebrantamento e avivamento espiritual.<sup>315</sup>

### 4.2.3 Ensino

Pelo fato da música estar tão presente na vida desde os primeiros anos de vida, uma boa formação cristã pode ser ajudada com uma linguagem musical bíblica, principalmente quando se trata de crianças. O texto bíblico em forma musical ajuda a criança a fixar os ensinamentos da Palavra de Deus, que serão úteis para a vida toda. “À medida que a criança lê, ouve e canta sobre os feitos de Deus ela cresce e aprende a confiar nesse Deus poderoso.” Ela aprenderá que nada deve ser colocado à frente do reino de Deus.<sup>316</sup>

Um dos cânticos de Moisés registrado em Deuteronômio 32 é justamente para falar sobre a justiça e retidão de Deus, a desonra do pecador e a soberania de Deus. Era como se fosse um registro dos atos de Deus.<sup>317</sup> Outro exemplo de ensino através da música é o Salmo 78.1-4:

*“Povo meu, escute o meu ensino; incline os ouvidos para o que eu tenho a dizer. Em parábolas abrirei a minha boca, proferirei enigmas do passado; o que ouvimos e aprendemos, o que nossos pais nos contaram. Não os esconderemos dos nossos filhos; contaremos à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, o seu poder e as maravilhas que fez.”*

Ele chama o povo a escutar e receber instruções da lei do Senhor para que Israel fosse um povo distinto. Também era um apelo para que os filhos de Israel ouvissem. Poucos sabiam ler, então a instrução era dada oralmente, e era eficaz. É um chamado para que esta geração passasse aos seus filhos os valores espirituais e os grandes feitos do Senhor. O propósito do Salmo era instruir e não entreter.<sup>318</sup> Ao cantar os louvores do Senhor, Asafe, autor deste

<sup>314</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 67.

<sup>315</sup> McCOMMMON, P. *Op. Cit.*, p. 30.

<sup>316</sup> FARIA, M. A educação Musical das Crianças. *Louvor*, n. 107, p. 25.

<sup>317</sup> MESQUITA, A. N. *Estudo nos livros de Números e Deuteronômio*, p.182.

<sup>318</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo*, v. 4, p. 2292.

salmo, ajudou os líderes do povo de Israel a entenderem um enigma de sua história. Ele desejava que as futuras gerações confiassem em Deus, aprendessem com o passado e obedecessem à Palavra.<sup>319</sup>

Através da música ensina-se e aprende-se princípios eternos e divinos, fixando doutrinas e verdades bíblicas. O que ajuda é que a música tem ritmo, harmonia e melodia. Joan Sutton, citada por Gusmão e Westhney diz que “O cântico reflete a fé, as tradições, os valores, as preferências, as doutrinas, os rumos e a espiritualidade de cada um de nós. Nosso cântico reflete quem somos e onde estamos, na peregrinação cristã.” É preciso músicas que desafiem os cristãos à uma vida melhor e atuante.<sup>320</sup>

Grandes reformadores e teólogos como Martinho Lutero, Carlos e João Wesley, Bernardo de Clairvaux, escreveram hinos com o objetivo de expressarem e ensinarem suas convicções religiosas, e estes produziram efeito tremendo sobre o povo, pois é mais fácil lembrar da melodia do que apenas da palavra. Paulo reconheceu esse valor do cântico para ensinar a verdade.<sup>321</sup> Assim, percebe-se que hoje é necessário escrever cânticos e hinos com o objetivo de ensinar ao povo verdades bíblicas, ainda mais quando se analisa a situação da igreja atual e em quão analfabeto o povo é de Bíblia.

### **4.3 Criação de ambiente de adoração**

Este é o terceiro papel da música no culto: o de criar um ambiente próprio como de alegria, tristeza, paz, majestade, devocional, etc. Se a música for executada de forma certa, ela vai causar ao crente uma devoção,<sup>322</sup> que pode aproximá-lo mais de Deus.

Por outro lado, Douglas atribui a ausência de pessoas nos cultos devido à música lá empregada, que muitas vezes está enraizada na tradição, cultura. Ele sugere que a música precisa ser alegre e contagiante, de alta qualidade, ter melodia simples e ser música moderna.<sup>323</sup> Mas, de acordo com Jairo Silvestre: “A qualidade da música usada no culto a Deus está no rigor técnico de sua composição e execução”. Não é a questão do gosto pessoal, utilidade, ritmo ou gênero musical, nos resultados obtidos, ou novidade e antigüidade da

<sup>319</sup> WIERSBE, W. W. *Comentário bíblico expositivo: poéticos*, v. 3, p. 221.

<sup>320</sup> *Apud* GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Op. Cit.*, p. 62, 69.

<sup>321</sup> McCOMMOM, P. *Op. Cit.*, p. 33- 34.

<sup>322</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 20.

<sup>323</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 45-46.

música.<sup>324</sup> Trata-se de procurar música bem feita e agradável, que sirva de ponte para a mensagem divina.

Muitas vezes confunde-se espiritualidade com emoções, pois se diz que uma música que mexe mais com o emocional é mais “espiritual”. Porém nem sempre a espiritualidade está ligada às emoções. A música que ajuda a espiritualidade no culto “é aquela que contribui para a coletividade, e cada um em particular, possa adorar, louvar, confessar seus pecados, interceder, proclamar a mensagem bíblica, chamar ao arrependimento, expressar decisão ou compromisso de consagração e ética”.<sup>325</sup>

A adoração é parte central do culto e esta pode ser com hinos, salmos, orações, leituras, etc., onde os atributos de Deus são reconhecidos com frequência.<sup>326</sup> A adoração por meio da música tem um plano especial projetado por Deus.<sup>327</sup> Jesus disse que Deus procura “os verdadeiros adoradores” que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23). Paulo, na sua carta aos Filipenses, afirma que a verdadeira adoração é aquela que se oferece a Deus pelo Espírito, não confiando na carne, mas gloriando-se em Jesus (Fp 3.3). A verdadeira adoração exige temor a Deus acima de tudo. A adoração resulta de um coração cheio de gratidão, impulsionado pelo sentimento do favor divino.<sup>328</sup>

Ao analisar o episódio de Jesus com a mulher samaritana, pode-se notar que Jesus diz que quem bebesse da água que ele estava oferecendo, seria “nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14), ou seja, quem nasce de novo, dele brota adoração genuína.<sup>329</sup> A adoração precisa envolver as emoções e o pensamento. É importante o que Piper escreve em seu livro *Teologia da Alegria* que

verdade sem emoção produz ortodoxia morta e uma igreja cheia (ou pela metade) de admiradores artificiais (como pessoas que escrevem cartões de aniversário genéricos para vender). Por outro lado, emoção sem verdade produz agitação vazia e cultiva pessoas superficiais que rejeitam a disciplina do raciocínio exato. A adoração verdadeira, porém, vem de pessoas com emoções profundas, grande amor e doutrina sadia. Afeições fortes por Deus, arraigadas na verdade, são ossos e medula da adoração bíblica.<sup>330</sup>

<sup>324</sup> SILVESTRE, J. A música no culto cristão. *Louvor*, n.93, p. 28-29.

<sup>325</sup> *Ibidim*, p.28-29.

<sup>326</sup> FAUSTINI, J. W. *Op. Cit.*, p. 20.

<sup>327</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 55.

<sup>328</sup> SHEDD, R. P. *Op. Cit.*, p. 7, 13.

<sup>329</sup> *Ibidim*, p. 13,14.

<sup>330</sup> PIPER, J. *Teologia da alegria*, p. 67.

Isso contrasta com a falsa adoração, de que foram acusados os fariseus: “...*este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens.*” (Mc 7.6-7). Jesus ao responder aos fariseus, não falou nada de novo, apenas o que já tinha sido dito pelo profeta Isaías para o povo judeu a tantos anos antes, pois não ofereciam a Deus uma adoração da qual ele se agradava.<sup>331</sup> Um ato de adoração é inútil quando não é de coração. Onde os sentimentos estão mortos, a adoração está morta, pois o interior precisa refletir a glória de Deus. Ela é autêntica quando surgem inclinações por Deus no coração como um fim em si mesmo. Precisa-se sentir emoções por Deus.<sup>332</sup> O pior inimigo é que se tem o desejo por prazer em Deus muito fraco,<sup>333</sup> por isso talvez, queira-se tanto externar emoções, mas de maneira errada. Elas, talvez não estejam totalmente centradas em Deus.

Segundo Piper a forma de adoração deveria proporcionar duas coisas: “canais para a mente aprender a verdade da realidade de Deus e canais para o coração responder à beleza dessa verdade – isso é, formas de acender os sentimentos com verdade bíblica e formas de expressar os sentimentos com paixão bíblica.”<sup>334</sup> A adoração verdadeira gera transformação. A paz passa a invadir a alma e sente-se Jesus mais perto, sendo capaz de gerar glória nas provações.<sup>335</sup>

Com isso pode-se perceber de que a verdadeira adoração não é cantar bonito, ou fazer uma cena de sentimentalismo, mas sim, que o adorador guarde-se de uma vida pecaminosa, que ele atente para os mandamentos de Deus. Segundo Shedd “o contato real e permanente com Deus não deixa de ter seus reflexos na vida daquele que cultua”.<sup>336</sup> Muitas vezes, ao se olhar para uma pessoa, pode-se dizer que ela está em perfeita comunhão com Deus, mas pode não passar de fachada. O que Deus fala a uma pessoa através da música depende de como a pessoa está diante de Deus.

Às vezes a música pode dar tanto prazer que se precisa tomar cuidado para não dar mais valor a ela do que a Deus. Como Agostinho afirmou: “Quando sou mais tocado pela voz do cantor do que pelo conteúdo das palavras cantadas, confesso que pequei.” É necessário buscar na música mais como meio de expressão, prazer ou benção. É preciso fazer dela um meio de

---

<sup>331</sup> SHEDD, R. P. *Op. Cit.*, p. 7.

<sup>332</sup> PIPER, J. *Op. Cit.*, p. 70, 71, 73.

<sup>333</sup> *Ibidim*, p.78.

<sup>334</sup> *Ibidim*, p. 82.

<sup>335</sup> AMORESE, R. *Op. Cit.*, p. 106.

<sup>336</sup> SHEDD, R. P. *Op. Cit.*, p. 7-8.

louvor, ações de graças e verdadeira adoração.<sup>337</sup> Peter Masters afirma que “sentimentos no louvor devem ser nossa resposta àquilo que entendemos e apreciamos em nossa mente”.<sup>338</sup>

Muitos querem “aparecer” no momento de louvor usurpando assim o lugar de Deus no culto, ou ainda manipular as pessoas, produzindo-lhes emoções. Sobre o assunto, Gomes Filho escreve que “produzir emoções na vida do adorador é obra do Espírito Santo. E o Evangelho de Jesus é tão poderoso que não precisa que pessoas sejam manipuladas para ele produzir efeitos. Basta centrar o foco em Deus. Ele faz o resto”.<sup>339</sup>

Quando o sentimentalismo toma conta e nada mais, é apenas uma animação que veio de fora para dentro e não o fluir do Espírito. Leila Gusmão e Westhney até questionam o fato de se tocar música durante o apelo, pois a linguagem emocional da música pode confundir e convencer ao invés de ajudar a converter.<sup>340</sup> Fazer isso, é optar por um lado extremista usando apenas a razão e aniquilando a emoção. Talvez seja extremo. Pode ser usada música sim, mas deve ser bem escolhida e avaliada, e não com objetivo manipulador.

Se a essência do verdadeiro evangelho é perdida para não ofender as pessoas, então as pessoas não-convertidas dependem sempre do impacto emocional externo causado por produções musicais. Se são levadas à profissões de fé superficiais sem serem transformadas de fato pelo Espírito, elas jamais terão apreciação espiritual, base do verdadeiro louvor.<sup>341</sup>

Como já visto, a música em si é inócua, tudo depende de quem e do que está por trás dela. Isso faz com que ela possa ter forte ligação com o pecado, disseminando informações e ensinamentos e por isto, a música que se canta tem muita importância. A Bíblia também é clara sobre o que deve ocupar a mente, e automaticamente o vocabulário: “*Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.*” (Fp 4.8). Esse versículo serve de termômetro para avaliar o que se deixa entrar na mente através da música. É recomendável que se cante músicas cujas

---

<sup>337</sup> Apud SHEDD, R. P. *Op. Cit.*, p. 91.

<sup>338</sup> MASTERS, P. *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>339</sup> FILHO, I. G. C. Uma análise dos cânticos nos evangelhos – o Magnificat e o Benedictus. *Louvor*, n. 111, p. 6.

<sup>340</sup> GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Op. Cit.*, p. 68-69.

<sup>341</sup> MASTERS, P. *Op. Cit.*, p. 29.

letras enriqueçam a vida. Apesar de não ser errado ouvir música popular, é preciso ficar atento para que ela não venha ser porta para o pecado.<sup>342</sup>

#### 4.4 Instrumento evangelizador

A palavra cantada também pode alcançar mais pessoas para Cristo, que depois serão integradas, instruídas e edificadas.<sup>343</sup> Considerando-se que uma mesma música não surte o mesmo efeito em todo o público, é o ouvinte quem decide o melhor estilo para ele. “A música de evangelização não deve construir barreiras entre o homem comum e o intelectual, mas deve ser funcional, mesmo que alguns não a achem esteticamente boa ou bela.” Ela deve ser capaz de atingir todas as camadas da sociedade.<sup>344</sup> Por mais que é impossível agradar a todos, deve-se olhar o gosto do estilo musical da maioria do grupo que quer se alcançar,<sup>345</sup> além do mais, hoje há música boa em quase todos os estilos.

A música instrumental pode ter traços da linguagem musical dos não crentes, pois ficará mais interessante e captará a atenção deles. Se o objetivo é evangelizar, é preciso sair do lugar-comum, de vez em quando. O uso de expressões musicais que atingem o ouvido do não cristão poderá ser válido, se não trouxer para ele associações mundanas prejudiciais. Nem o volume pode ser tão alto a ponto de a mensagem ser prejudicada.<sup>346</sup>

As campanhas evangelísticas para ganhar o povo em massa começaram nos fins do século XIX, com Moody e Sankey, e em quase todos esses tipos de esforços a música tem acompanhado o movimento.<sup>347</sup> Há inúmeros testemunhos de pessoas que foram salvas atraídas pela música evangelística.<sup>348</sup> Os maiores reavivamentos na história, sempre foram acompanhados de música, pois é difícil separar a música da pregação no avivamento. A música geralmente tem uma mensagem simples: os seres humanos estão longe de Deus, mas podem ser perdoados, reconciliados e transformados pela graça divina através da vida, morte e ressurreição de Cristo, uma mensagem de pecado, graça e salvação. Por haver uma grande urgência na salvação, a música pode ser usada para comover as emoções adequadamente para

<sup>342</sup> MURADAS, A. *A música dentro e fora da Igreja*, p.17-22.

<sup>343</sup> GUSMÃO, L.; WESTHNEY. *Op. Cit.*, p. 70.

<sup>344</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 4.

<sup>345</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 49.

<sup>346</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>347</sup> *Ibidim*, p. 4-8.

<sup>348</sup> FONSECA, J. S. O papel da música na afirmação da fé e divulgação do evangelho. *Fé e ação*, p. 31.

que Deus possa agir nelas, lembrando sempre que quem de fato convence é o Espírito Santo.<sup>349</sup>

Há também conferências evangelísticas, geralmente dentro das igrejas. A música para esse fim deve contar com algumas características próprias: 1) enfatizar que Deus ama a todos os homens. – o homem é pecador e por isso está afastado de Deus, mas Deus providenciou um plano de salvação para a reconciliação; 2) deve criar sensações reais nas pessoas – o evangelho produz uma experiência real sentida na hora da conversão e que continua na vida inteira; 3) ser convincente – um testemunho de fé como resultado do novo nascimento dizendo: “funcionou para mim”, numa linguagem emocional convincente; 4) revelar espontaneidade – melodias simples, curtas e fáceis de serem lembradas, de preferência com trechos evangelísticos da Bíblia. Corinhos ou cânticos “simplísticos”, superficiais e teologia duvidosa devem ser evitados.<sup>350</sup> A única coisa que não pode acontecer é a igreja tornar seu padrão de adoração em evangelístico.<sup>351</sup>

Nos trabalhos evangelísticos feitos fora da igreja, com auditório menos cristão, há alguns aspectos diferentes de métodos: 1) A música é usada como ponte de comunicação, preparando caminho para a pregação mais direta do evangelho e persuadir o não-cristão a olhar para Cristo; 2) Incrementar a música com teatro. É preciso conhecer o público para que a mensagem soe inteligível e não apenas levar a pessoa ao êxtase musical.<sup>352</sup>

Outra coisa é buscar uma música que fale na linguagem do povo. Os novos textos devem tratar de assuntos contemporâneos e o vocabulário deve ser próprio para que a pessoa entenda tanto no pensamento quanto nas palavras. A mensagem da Bíblia não muda, mas a forma de comunicá-la deve ser atualizada para cada geração.<sup>353</sup>

Algumas normas para ajudar na letra: 1) ser clara, simples, e possuir um ritmo natural e inteligível; 2) usar padrões normais de palavras e frases (como se as pessoas estivessem conversando); 3) ter uma frase inesquecível; 4) possuir substantivos fortes e verbos ativos; 5)

---

<sup>349</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 141-143.

<sup>350</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 4-8.

<sup>351</sup> HUSTAD, D. P. *Op. Cit.*, p. 141-143.

<sup>352</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 4-8.

<sup>353</sup> *Ibidim*, p. 4-8.

ter o mesmo valor ao ser lida quanto ao ser cantada; 6) ser criticada pelo próprio compositor minuciosamente.<sup>354</sup>

É importante também que a música seja de alta qualidade, que comunique o evangelho na melhor maneira possível, jamais se deve tomar emprestada uma música mundana e espiritualizá-la colocando uma letra evangélica. Deve-se oferecer um repertório variado, oferecendo vários estilos. O objetivo da música evangelística é transmitir o amor de Deus, aproveitando o som musical. Por isso, o músico, ou seja lá quem fizer uso dela, deve amar pessoas mais do que a música. “O meio é a música e o objetivo é atingir necessidades espirituais dos ouvintes.”<sup>355</sup>

A música é muito importante no campo missionário. Às vezes ela pode anteceder a pregação, seja no preparo dos corações ou levando a própria mensagem. Quando se trata de um campo, deve-se procurar conhecer o povo e também sua realidade musical. Nunca deve ser imposta a música de outra cultura, pois assim pode prejudicar o trabalho completamente. É preciso pegar a realidade musical do povo e aperfeiçoá-la.<sup>356</sup>

Se o objetivo é alcançar os jovens então é preciso buscar músicas que são vivas para eles e através da qual, tiveram suas primeiras percepções de vida.<sup>357</sup> Embora isso seja o mais viável, não é regra, pois nem sempre é assim. Há casos em que justamente o diferente chama atenção. Pessoas procuram por algo novo do que o mundo lhes oferece, pois já estão cansados disso. A esse grupo, músicas, com as quais não estão acostumados chamarão atenção e poderão ser a ponte para o conhecimento do Evangelho de Cristo.

É fato, que a música tem grande poder sobre o ser humano, muito mais do que sequer se imagina, porém, ela não tem maior poder que Deus. Ela é um detalhe que ele planejou para louvor da Sua glória.<sup>358</sup> A música quando se torna louvor a Deus, abre mais possibilidades do que se imagina. O homem é levado a ver quem ele realmente é, enxerga-se a si mesmo e tem um novo discernimento da obra de Deus nesta Terra. Descobre-se o verdadeiro sentido da

---

<sup>354</sup> SPANN, F. *Op. Cit.*, p. 4-8.

<sup>355</sup> *Ibidim*, p. 4-8.

<sup>356</sup> RUTTER, A. A. Música em Missões. Louvor, n. 104, p. 20-21.

<sup>357</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 48.

<sup>358</sup> SCHEIBNER, J. *Op. Cit.*, p. 31.

vida que é aquilo que Deus quer fazer no ser humano, e por meio dele. O louvor é uma aventura que gera poder e por meio dele pode-se chegar ao trono da graça.<sup>359</sup>

Para que a música tenha melhor efeito nos cultos, algumas diretrizes são sugeridas por Muradas: 1) utilizar músicas adequadas ao público, local e momento; 2) procurar identificar qual o melhor tipo de música para o momento, como: ensino, louvor, relacionamentos, etc; 3) explorar a linguagem musical mais conhecida do público; 4) não desprezar o estilo que o povo gosta; 5) não forçar as pessoas a louvar ou gostar de um estilo.<sup>360</sup>

O que muitas vezes se vê, é que nos cultos as músicas têm as mensagens totalmente focadas em outra direção do que a pregação. A música deve ser de acordo com a mensagem que quer se passar para a Igreja para que assim as pessoas captem melhor e a mensagem fique melhor gravada em suas mentes.<sup>361</sup> Vendo claramente o forte poder que a música tem, principalmente no que diz respeito a vida espiritual, é claro que Satanás faz de tudo para desarticular essa força e neutralizar o impacto, e o pior, fazendo uso dela para seus fins, totalmente opostos aos do uso cristão.<sup>362</sup> A música pode ser utilizada pelo diabo para distorcer a Palavra de Deus, confundir e corromper a mente das pessoas, amaldiçoar, etc. A arte musical é um dos campos onde o inimigo tem atuado muito ultimamente. Por conhecer o poder que ela tem, é que ele tem direcionado tanta atenção para esta área.<sup>363</sup> Por isso é necessário sempre mais e mais cuidado e vigilância.

Nos dias atuais, a moral da música decai sempre mais.<sup>364</sup> A influência negativa através da TV, rádio, etc. é muita. Tudo se faz hoje por audiência. Ao se olhar para a música brasileira, a maioria dos grupos que estão no auge têm se inspirado na combinação de mensagens antibíblicas e ritmos embaladores. Segundo Tessmann “o povo brasileiro está sendo influenciado a cantarolar músicas sem ao menos entender o que a mensagem significa”. Os grupos de pagode e samba, por exemplo, compõe músicas com duplo sentido, “geralmente mensagens eróticas escondidas por trás de um ritmo ‘contagante’”.<sup>365</sup>

---

<sup>359</sup> YOUSSEF, M. *Op. Cit.*, p. 10.

<sup>360</sup> MURADAS, A. *Op. Cit.*, p. 34.

<sup>361</sup> *Ibidim*, p. 34.

<sup>362</sup> FONSECA, J. S. O papel da música na afirmação da fé e divulgação do evangelho. *Fé e ação*, p. 31.

<sup>363</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p.36.

<sup>364</sup> BEZERRA, Ronaldo. *A influência da Música*.

[http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia\\_musica.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia_musica.htm), acesso em 19-02-2010

<sup>365</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 36-38.

Muitos influenciam as crianças e os jovens à prostituição, drogas, religiões e seitas. Grande parte dos que seguem esses grupos acabam praticando o que a música ordena desprezando assim a Deus. Lares são desfeitos por meio da música. Algumas amaldiçoam claramente o ouvinte e ainda assim ela é aceita com maior naturalidade. Há músicas que aparentemente são inofensivas, mas apóiam sociedades espíritas e outras. Muitas delas são ouvidas e cantadas até entre o meio evangélico sem questionar a letra.<sup>366</sup> Ela afasta a pessoa da adoração a Deus; não possui princípios corretos; quebra os princípios da sociedade; leva aos fracassos, rebeldia, imoralidade, divórcio, adultério, suicídio, etc; estimula a justiça do próprio homem; leva a uma adoração a Satanás mesmo que indiretamente.

A Bíblia adverte em Colosseses 2.8: *“Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo.”*<sup>367</sup> É preciso fazer uma seleção do que se ouve, para não apoiar princípios que são antibíblicos, e mesmo que possa se argumentar que só se ouve por ouvi-la, tem uma sociedade toda ouvindo essa música e sendo por ela influenciada. Há músicas que não são cristãs e não ferem os princípios cristãos, quanto a essas, não há problema em ouvi-las. Quantas falam da natureza que Deus criou e outros assuntos do dia-a-dia. Ser cristão não é ficar alienado de tudo, mas viver de forma diferente num contexto pervertido e isso inclui atentar para a música que ocupa sua mente.

---

<sup>366</sup> TESSMANN, R. *Op. Cit.*, p. 36-38.

<sup>367</sup> *Ibidim*, p. 36-38.

## CONCLUSÃO

Diante da pergunta de que se a música realmente tem grande influência da vida do ser humano e se ela é capaz de até estabelecer conceitos, através desta pesquisa, pode-se concluir que a ela envolve todos os aspectos da vida e tem um poder como nada mais, além de Deus tem. Seus vários componentes, assunto do primeiro capítulo, mexem com várias partes do cérebro, desenvolvendo o mesmo.

Foi visto também, no segundo capítulo, que a música tem tido uma influência muito grande nas culturas no decorrer da história. Para isso foi feito um rápido panorama histórico, mostrando sua evolução desde as primeiras culturas; seu papel na idade média e na idade moderna, até chegar à música na cultura contemporânea presente nas mudanças sociais e científicas, movimentos populares, e caracterizando também o presente século XXI pela desestruturação e dúvidas.

O terceiro ponto fala sobre a influência comportamental que ela é capaz de gerar através do físico, da capacidade de refletir conceitos de um grupo e de modelar princípios. Seu poder está na capacidade de conseguir ligar os dois hemisférios do cérebro: o direito e o esquerdo, ou seja, o intelecto com as emoções. O corpo reage diferente de acordo com a música que ouve. Ela também é a expressão de uma cultura, mostrando em que nível está sua moral e quais são seus valores. Porém antes de tudo, ela é quem modela esses valores. Se alguém quiser mudar os conceitos de uma sociedade, é só mudar a música e colocá-la na boca do povo.

A influência mais relevante ainda é a questão espiritual, assunto tratado no último capítulo. Deus criou a música para seu louvor e deseja que seu povo reconheça seu valor e a use. Ela é capaz de expressar verdades bíblicas, sendo o agente facilitar que ajuda os cristãos a entender a vontade de Deus para suas vidas e por isso é tão importante cuidar-se com a letra que se canta. Através dela é que o povo pode louvar a Deus expressando seus sentimentos mais profundos que palavras não conseguem. Expressões de confiança, alegria e gratidão. O ensino é uma das características da música a qual tem se dado pouca importância, mas que é fundamental. Ela também proporciona um ambiente todo especial de adoração a Deus, e também uma ótima ferramenta de evangelismo.

Como a música meche profundamente com as emoções, é necessário tomar cuidado para não cair na tentação de manipular as pessoas levando-as a um louvor pó sentimentalismo, mas

sem ter uma experiência com Deus de fato. Deus quer o louvor do seu povo com entendimento e também com emoção. Uma não funciona na ausência da outra

Esta pesquisa é apenas uma introdução a grande influência que a música, tão presente na sociedade atual, exerce sobre as pessoas. A partir disso, abrem-se campos para novos estudos principalmente em como usar essa influência para ajudar os crentes a se firmarem ainda mais em Jesus Cristo e para expandir mais o Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

A pós-modernidade: consequência da revolução gnóstica e igualitária. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html>>. Acesso em 29-04-10.

AGONILHA, Daniela Cunha. O que é plasticidade cerebral? Disponível em: <<http://www.profala.com/artneuro1.htm>>. Acesso em 11-05-2010.

ALALEONA, Domingos. História da Música. Trad. João C. Caldeira Filho. 11ª Ed. São Paulo: Ricordi, 1972. 153 p.

ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. Teologia da adoração. Trad. Elias M. da Silva; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. 184 p.

ALVES, Kátia Corrêa Peixoto e BELISÁRIO, Regina Célia de Moura Gomilde. Diálogos com a História. 6ª série. Curitiba: Positivo, 2005. 64 p.

AMORESE, Rubem. Louvor, Adoração e Liturgia. Viçosa: Ultimato, 2004. 169 p.

BARROS, Samuel Vieira. Música comercial X Música congregacional. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 32, v. 4, n. 121, p. 25-29, out/dez 2009.

BASDEN, Paul. Estilos de Louvor: descubra a melhor forma de culto para a sua igreja. Trad. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 190 p.

BENNETT, Roy. Uma breve história da música. Trad. Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. 80 p.

BEZERRA, Ronaldo. A influência da música. Disponível em: <[http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia\\_musica.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/influencia_musica.htm)>. Acesso em 18-02-2010.

BOOR, Werner de. Colossenses: Comentário Esperança. Biblioteca digital da Bíblia. Barueri: SBB. CD-Rom.

Breve história da música. Disponível em: <[http://www.musicaeadoracao.com.br/tecnicos/historia\\_musica/breve\\_historia\\_musica.htm](http://www.musicaeadoracao.com.br/tecnicos/historia_musica/breve_historia_musica.htm)>. Acesso em 03-05-10

Caleidoscópio – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caleidosc%C3%B3pio>>. Acesso em 26-05-2010.

Catarse – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Catarse>>. Acesso em 22 jun. 2010

CHAGAS, Marly e PEDRO, Rosa. Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. 83 p.

CHAMPLIN, Russell Normas. O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo, v. 4. 2ª ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 2771 p.

\_\_\_\_\_. O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo, v. 3. 2ª ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 2042 p.

COLEMAN, William L. Manual dos tempos e costumes Bíblicos. Trad. Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. 360 p.

McCOMMON, Paul. A música na Bíblia. 2ª ed. Trad. Paulo de Tarso Prado Cunha. Rio de Janeiro: Juerp, 1982. 101 p.

Compact disc. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Compact\\_Disc](http://pt.wikipedia.org/wiki/Compact_Disc)>. Acesso em 22-06-10.

Computador. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Computador>>. Acesso em 22-06-10.

Confúcio – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conf%C3%BAcio>>. Acesso em 07-05-10.

CORRÊA, Sergio Ricardo S. Ouvinte Consciente. São Paulo: Casa Manon, 1985. 208 p.

Definição de Música - Wikipédia, a enciclopédia livre. 27 nov. 2009. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

DOUGLAS, Klaus. Celebrando o amor de Deus. Curitiba: Esperança, 2000. 288 p.

DOURADO, Henrique Autran. Dicionário de termos e expressões da Música. São Paulo: Editora 34, 2004. 382 p.

DUARTE, Josélia Giordani H. A música e sua influência na qualidade de vida. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp, ano 25, v. 3, n. 92, p. 24-25, jul/set 2002.

Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro – São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 8, 1989. 512 p.

Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro – São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v.10, 1989. 512 p.

Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro – São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v.13, 1989. 512 p.

Enciclopédia Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 5, 1976. 2448 p.

Enciclopédia Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 10, 1976. 5516 p.

Enciclopédia Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 11. 6120 p.

Enciclopédia Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 13, 1976. 1224 p.

Enciclopédia Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 14, 1976. 7932 p.

Enciclopédia Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, v. 18, 1976. 10364 p.

FARIA, Marluce. A educação Musical das Crianças. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 29, v. 2, n. 107, p. 24-25, abr/jun 2006.

FAUSTINI, João W. Música e Adoração. São Paulo: Imprensa Metodista, 1973. 147 p.

FILHO, Isaltino Gomes Coelho. A força da ignorância. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 33, v. 2, n. 123, p. 17-21, abr/jun 2010.

\_\_\_\_\_. O grande hino cristológico de Efésios (parte 1). Louvor. Rio de Janeiro: Juerp, ano 30, vol.3, n. 112, p. 4-8, jul/set 2007.

\_\_\_\_\_. Uma análise dos cânticos nos evangelhos – o Magnificat e o Benedictus. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 30, v. 2, n. 111, p. 4-9, abr/jun 2007.

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 254 p.

FONSECA, João Soares da. O papel da música na afirmação da fé e divulgação do Evangelho. Fé e Ação, Rio de Janeiro, ano III, p. 28-31, jan/mar 1991.

\_\_\_\_\_. O papel da música na afirmação da fé e divulgação do evangelho. Fé e ação. Rio de Janeiro: Juerp. Ano III, p. 28-31, jan/mar 1991.

FREDERICO, Edson. Música: breve história. 119 p. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=ZG6q\\_MeAR8cC&printsec=frontcover&dq=musica+brave+historia&ei=ugLWS6v-AYL0ygT06530Bw&cd=1#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=ZG6q_MeAR8cC&printsec=frontcover&dq=musica+brave+historia&ei=ugLWS6v-AYL0ygT06530Bw&cd=1#v=onepage&q&f=false). Acesso em 26-04-2010

GASTON, E. Thayer. et. al. Tratado de Musicoterapia. Trad. P.espanhol. Marta B. Lucero de Fernández, Enrique Díaz e Sara Elena Hassan. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1971. 491 p.

GONDIM, Ricardo. É proibido: o que a Bíblia permite e a igreja proíbe. 6º Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 183 p.

GUSMÃO, Leila; WESTHNEY. Culto Cristão: contemplação e comunhão. Rio de Janeiro: Juerp, 2003. 204 p.

HALPERN, Steven. Relax pelo som. In: O poder da música. São Paulo: Martin Claret, p. 57-74.

HUSTAD, Donald P. Jubilate: A música na Igreja. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1981.310 p.

JOURDAIN, Robert. Música, cérebro e êxtase. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. 441 p.

JÚNIOR, José Davison da Silva. Conhecendo a Musicoterapia. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 33, v.1, n. 122, p. 17-19, jan/mar 2010.

\_\_\_\_\_. Consciência e Música. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 28, v.3, n. 104, p. 18-19, jul/set 2005.

\_\_\_\_\_. Os efeitos da música no ser humano. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 32, v. 4, n. 121, p. 21-24, out/dez 2009.

KIEFER, Bruno. História e significado das formas musicais. 6ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1990. 256 p.

KRÜGER, Hariet Wondracek. Música na Igreja. Aula ministrada em 21-05-2010 na Faculdade Batista Pioneira.

LAHAYE, Tim. Como vencer a depressão. 3ª Ed. Trad. João Barbosa Batista. Miami, Florida: Vida, 1981. 234 p.

LEITE, Luciana de A. A problemática do pós-moderno no campo artístico. <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/posmoderno.html>>. Acesso em 03-05-10.

LIEPKAN, Davi. Etnomusicologia e a adoração culturalmente relevante. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 26, v. 1, n. 94, p. 27-29, jan/mar 2003.

MACHADO, Fernanda. História geral: Igreja Católica. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/ult1690u20.jhtm>>. Acesso em 22-06-10.

Mantra : Wikipédia – a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mantra>>. Acesso em 25-08-10.

MASTERS, Peter. Louvor em Crise. Trad. Douglas Farias Lopez Perez. São José dos Campos: Fiel, 2007. 151 p.

MESQUITA, Antônio Neves de. Estudo nos livros de Números e Deuteronômio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1979. 184 p.

MUGGIATI, Roberto. O grito e o mito. In: O poder da música. São Paulo: Martin Claret, p. 37-56.

MURADAS, Atilano. A música dentro e fora da igreja. São Paulo: Vida, 2003. 222p.

Música - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>>. Acesso em 27-11-09.

Música da Grécia Antiga – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica\\_da\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga)>. Acesso em 28-04-10.

PAHLEN, Kurt. A música na vida humana. In: O poder da música. São Paulo: Martin Claret, p. 9-20.

Para que serve a música? Super interessante. Editora Abril, Ed. 203, p. 74-79, agosto 2004.

PERRUCCI, Gamaliel. Música sempre música. Rio de Janeiro: Juerp, 1982. 223 p.

PIPER, John. Teologia da alegria. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2001. 295 p.

POHL, Adolf. Carta aos Romanos: Comentário Esperança. Biblioteca digital da Bíblia. Barueri: SBB. CD-Rom.

Pós-modernidade – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-modernidade>>. Acesso em 03-05-10.

RIBEIRO, Eneida Soares. Inclusão no corpo de Cristo. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp, ano 25, v. 3, n. 92, p. 20-21, jul/set 2002.

RUTTER, Ana Augustroze. Música em Missões. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 28, v. 3, n. 104, p. 20-21, jul/set 2005.

RUUD, Even; WROBEL, Vera Bloch. Caminhos da Musicoterapia. São Paulo: Summus, 1990. 113 p.

SACKS, Oliver. Alucinações Musicais: relatos sobre a música e o cérebro. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 368 p.

SADIE, Stanley (Edit). Dicionário Grove de Música. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 1048 p.

SANT'ANNA, Maico da Cunha. Música na celebração cristã. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 33, v. 1, n. 122, p. 24-25, jan/mar 2010.

SANTOS, Leila Gusmão. A origem da nossa música. Fé e ação. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 3, jan/mar 1991. P. 21-24.

SAYÃO, Luiz. Louvor com Sobriedade. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 33, v. 1, n. 122, p. 20-23, jan/mar 2010.

SCHEIBNER, Juliana. A influência da Música na qualidade de vida. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2005. 46 p.

SEKEFF, Maria de Lourdes. Da Música: seus usos e recursos. 2ª Ed. São Paulo: Unesp, 2007. 192 p.

SHEDD, Russel P. Adoração Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1987. 170 p.

SILVESTRE, Jairo. A música no culto cristão. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 25, v. 4, n. 93, p.28-29, out/dez 2002.

SPANN, Fred. A música e a Evangelização. Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 6, v. 1, jan/mar 1990.

STEFANI, Wolfgang M. Mas não é apenas música? Louvor. Trad. Levi de Paula Tavares. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 29, v. 1, n. 106, p.23-26, jan/mar 2006.

SUTTON, Joan Larie. Em busca de um Equilíbrio (3ª parte). Louvor. Rio de Janeiro: Juerp. Ano 6, v. 2, p. 23-25, abr/jun 1990.

TAME, David. O poder oculto da música: transformação do homem pela energia da música. São Paulo: Cultrix, 1984. 334 p.

TESSMANN, Ramon. Louvor e Adoração. Rio de Janeiro: Juerp, 2002. 144 p.

WANDERLEY, Ruy. História da Música Sacra. São Paulo: Imprensa Metodista, 1977. 82 p.

WAWGINIAKS, João Lourenço. O conflito das gerações na música cristã. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 1996. 48 p.

WIERSBE, Warren W. Comentário bíblico espositivo: poéticos. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica; Central Gospel, 2008. V. 3. 526 p.

WISNIK, José Miguel. O Som e o Sentido. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 283 p.

YAMPOLSCHI, Roseane. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. Disponível em: <[http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2006/CDROM/COM/04\\_Com\\_Musicologia/sessao05/04COM\\_MusHist\\_0503-184.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/04_Com_Musicologia/sessao05/04COM_MusHist_0503-184.pdf)>. Acesso em 03-05-10.

YOUSSEF, Michael. Fortalecidos pelo Louvor. Trad. Fausto Roberto Castelo Branco. Belo Horizonte: Betânia, 2005. 216 p.